



5V
4500
A6
1733



PURCHASED FOR THE
UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY
FROM THE
CANADA COUNCIL SPECIAL GRANT
FOR
Latin-American History

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto



ART E 178

DE VIVER EM PAZ
COM OS HOMENS,
DIVIDIDA EM DUAS PARTES,
E
DEDICADA
A OS VASSALLOS
DE
S. Magestade Fidelissima,
PRINCIPALMENTE AOS QUE HABITÃO
A
DIOCESE DO MARANHÃO.
POR
D. FR. ANTONIO DE PADUA,
BISPO DA MESMA DIOCESE.



L I S B O A
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA;

ANNO M. DCC. LXXXIII.

Com licença da Real Meza Censoria.

BV

4506

AG

1783



A INSONDAVEL Providencia do Senhor , que as mais das vezes obra de hum modo imperceptivel ao conhecimento dos homens, permittio que no mesmo tempo , em que trabalhavamos na produçção deste Opusculo , fôssemos pela nossa Fidelissima Soberana nomeado Bispo da Santa Igreja Cathedral do Maranhão. Este successo havido contra todas as nossas esperanças , fazendo-nos lembrar os dotes que , segundo S. Paulo nas Cartas aos seus discipulos Tito e Timotheo , deve ter quem houver de occupar hum tal ministerio , nos encheo não só de profunda amargura , mas atalhou tambem todos os nossos actuaes projectos. Consistião estes em concluir huma obra , da qual tinhamos já participado alguns tomos ao Público , que nos pedia com grandes instancias a sua continuação , e em passar os restos da vida entre as doçuras do retiro , no exercicio das obrigações da Communidade , e na composição de alguns escritos , que já servião de objecto ás nossas idéas.

Não impedio com tudo que continuassemos esta pequena obra, e que através das desconfortações, de que eramos frequentemente combatidos, lhe dessemos fim. Nós sempre a considerámos muito estimável por sua materia; mas depois da nossa nomeação se nos representa dignissima das attentões do homem, que a Providencia chama ao officio de Pastor. Sabemos que todo o Prelado, a exemplo de Jesus Christo, não deve ter outro maior interesse que plantar a paz; a paz, suavissimo fruto do Santo Espirito, e que foi a primeira dadiva que o Ceo offereceo á terra depois do Nascimento do seu adoravel Redemptor, cuja guarda este Deos feito homem não cessou de recommendar na serie dos tempos aos seus discipulos. As repetidas vezes que o Senhor lhes falla neste soberano dom, como póde ler-se na Escriitura Santa, he huma prova bem nervosa, de que elles e os seus successores devião plantallo, zelallo e forcejar por estabelecello com perpetuidade entre as gentes.

E com effeito : entre os dons celestes nenhum ha que mais mereça os primeiros cuidados de qualquer Superior que o da paz. Desterre-se este do meio da corporação , a que preside , que turbilhão de defordens não vem logo occupar o seu respeitavel posto? A discordia , qual fogo vivamente ateado , cresta , queima e dissipa a belleza dessa infeliz sociedade. Ahi o sagrado e o profano caminhão compasso igual ao precipicio. Os odios crescendo e ganhando todos os dias novas forças , levão o mal ao seu cume. O carro do governo , saltando fóra dos seus eixos , fica atolado no profundo vil pó das sedições. O credito mais bem estabelecido perde a sua estimação , e vai a ser triste victima da Satyra. Os crimes esquecidos , de novo se fazem lembrados ; e os que erão occultos á maior parte do povo , passam ao conhecimento de todos. As sciencias não fazem o menor progresso , nem as Artes tem adiantamento. Em fim , a virtude , a amavel virtude nem talvez ahi se encontre escondida

de-

debaixo das sombras de huma esteril especulação.

Volte a paz do seu desterro, e a sociedade donde sahio degradada, virá a tomar, ainda que lentamente, a sua antiga e brilhante face. A ordem entrando na posse dos seus direitos, reduzirá pouco a pouco todas as cousas ás suas devidas situações. O Solahi regulará de novo os dias pacificos de Salomão. O commercio florescerá sensivelmente. As letras contarão muitos e bons professores. A Religião crescerá pela observancia das suas leis e exercicio do seu culto. Deos finalmente verá augmentada a sua gloria accidental pelas homenagens, que lhe renderão os seus adoradores.

De todos estes bellos effeitos he a paz a preciosa origem. Mas para que ella os produza, he necessario que se conserve. Não póde porém conservar-se sem a sciencia dos meios da sua conservação. Mas esta acha-se encerrada neste breve Opusculo, a que damos o titulo de *Arte de viver em paz com os homens*. Não he obra nos-
sa

fa na sua origem. He hum dos melhores e mais preciosos Tratados, que formão o corpo dos Enfaios da Moral do grande e célebre Pedro Nicole, cujo nome he ouvido com respeito de todos os Sabios, principalmente dos de França, onde justamente passa pelo mais profundo meditador do homem moralmente considerado. Por esta causa pede ser lida em algumas partes com huma attenção mais que ordinaria. A subtileza, com que está trabalhada, nos obriga a fazer esta advertencia. Passando-a ao nosso idioma, puzemos o nosso principal cuidado em perceber o conceito do seu Author, e expollo do modo mais claro, que nos fosse possível.

Nós a offerecemos a todos os Portuguezes em geral, e em particular a todos os que habitão a nossa Diocese do Maranhão. Em toda a parte desejamos ver estabelecida a paz; mas com especialidade nesta, que está commettida aos nossos cuidados. Se formos tão felices que vejamos completos e satisfeitos os nossos desejos, abençoaremos

o nosso trabalho. E para que assim succeda , imitando ao Apostolo na Carta aos Filippenses , lhes dizemos : Fazei o que aprendestes , ouvistes e lestes nesta obrinha , e o Deos da paz assistirá comvosco : *Quæ & didicistis , & accepistis , & audistis , & vidistis in hac opella , hæc agite & Deus pacis erit vobiscum.*

A R T E
DE VIVER EM PAZ
COM OS HOMENS.

P A R T E I.

Quarite pacem Civitatis ad quam transmigrare vos feci : & orate pro ea ad Dominum , quia in pace illius erit pax vobis. Jer. 29. v. 7.

Procurai a paz da Cidade a que vos transferi , e orai ao Senhor por ella ; porque na sua paz consiste a vossa.

C A P I T U L O I.

Os homens sendo Cidadãos de muitas Cidades , devem procurar a paz de todas , particularmente a daquella , em que vivem , e de que são parte.

TODAS as Sociedades , de que somos membros ; todas as coufas , a que nos unimos por algum laço ou commercio ; tudo o que obramos , ou que obra sobre nós ,

e que pela differença dos seus estados he capaz de alterar a disposição da nossa alma, são Cidades, em que passamos o tempo da nossa peregrinação; porque nestas cousas he que a nossa alma se occupa, e descança.

Affim o mundo inteiro he a nossa Cidade; pois que na qualidade de seus habitantes nos enlaçamos com todos os homens, recebendo delles já dano, já proveito. Os Hollandezes commerceão com os do Japão; nós com os Hollandezes, e deste modo commerceamos tambem com estes póvos, que habitão os fins da terra; porque os lucros, que os Hollandezes tirão deste commercio, dão-lhes os meios de servir-nos, ou de offender-nos. Póde dizer-se o mesmo dos outros póvos. Todos nos dizem respeito por algum princípio, e a todos prende a cadeia, que liga os homens entre si pelas reciprocas necessidades, que huns tem dos outros.

Nós porém somos mais particularmente Cidadãos do Reino, em que nascemos; da Cidade, em que habita-

tamos ; da Sociedade de que fomos parte ; em fim podemos ser chamados de hum certo modo Cidadãos de nós mesmos , e do nosso proprio coração. As diversas paixões , e os diferentes pensamentos , que em nós sentimos , formão huma especie de povo , com que devemos viver , e muitas vezes he mais facil viver com todo o mundo exterior , que com este povo interno , que habita dentro de nós.

A Escritura obrigando-nos a procurar a paz da Cidade , em que Deos nos poz , obriga-nos igualmente a procurar a de todas estas diferentes Cidades. Isto he , ordena que procuremos , e desejemos a paz , e o socego do mundo inteiro , do nosso Reino , da nossa Cidade , da nossa Sociedade , e de nós mesmos. Mas como podemos procuralla mais para algumas destas Cidades que para outras , he necessario que nesta empreza trabalhemos de diverso modo.

Ha pessoas , que só por suas orações podem procurar a paz do mundo , dos Reinos , e das Cidades. Pe-
lo

lo que a nossa obrigação nesta parte he pedilla sinceramente a Deos e crer que fomos obrigados a isto. E com effeito o fomos. As perturbações externas, que dividem os Reinos, procedem muitas vezes do pouco cuidado, que os seus habitantes tem de pedir a paz a Deos, e do pouco que lhes agradecem a que lhes ha concedido. As guerras temporaes trazem consigo consequencias tão estranhas e effeitos tão tristes para as mesmas almas, que não he possivel comprehendellos. Por esta causa S. Paulo recommendando orar pelos Reis do mundo, estabelece expressamente, como principio desta obrigação; a necessidade que temos do socego exterior. (1)

Cada hum procura a paz para si mesmo, regulando as suas paixões e os seus pensamentos. Por esta paz interna contribue-se muito á paz da Sociedade, em que se vive; pois que só as paixões podem perturballa. Porém como a paz com os que nos são unidos

(1) *Ut quietam & tranquillam vitam agamus.*
1. Tim. 2, v. 1. & 2.

dos por laços mais estreitos , e por hum commercio mais frequente , he de extrema importancia para conservar a tranquillidade em nós mesmos ; e como nada haja mais capaz de perturballa que a divisão opposta , della principalmente he que deve entender-se a instrucção do Profeta : *Querite pacem civitatis , ad quam transmigrare vos feci* : Procurai a paz da Cidade , a que vos transferi.

C A P I T U L O II.

A razão e a religião nos inspirão de commun accordo o cuidado da paz.

OS homens não se conduzem ordinariamente em sua vida pela fé , nem pela razão. Seguem temerarios as impressões dos objectos presentes , ou as opiniões communmente estabelecidas por aquelles com que vivem. Ha poucos , que se applicuem com algum cuidado a conhecer o que na verdade lhes he util para passar felizmente a vida , segundo Deos ou segun-
do

do o mundo. Se reflectissem nisto , verião que a fé e a razão concordão na maior parte das obrigações e acções dos homens ; que as cousas que a Religião nos prohibe , são muitas vezes tão contrarias ao focego desta vida , como á felicidade da outra ; e que o maior número daquellas a que nos attrahe , contribue mais á felicidade temporal , que tudo aquillo que a ambição e a vaidade nos fazem procurar com tanto desvelo.

Esta concordia da razão e da fé em nenhuma cousa se manifesta tanto , como na obrigação de conservar a paz com os que nos são unidos , e na de evitar todas as occasiões e motivos capazes de perturballa. Se a Religião nos prescreve esta obrigação como effencial á piedade christã , a razão no-la propõe como a mais importante ao nosso proprio interesse.

Por este motivo se considerarmos com alguma attenção a origem da maior parte das inquietações e desgrasas que nos succedem , ou vemos succeder aos outros , conheceremos que el-

ellas procedem de ordinario da pouca circumspecção com que nos tratamos. E se quizermos fazer justiça, acharemos que rara será a vez, em que se murmure de nós sem motivo, e que por gosto nos offendão e inquietem. A isto sempre contribuimos alguma cousa. Se não damos causas proximas, damos remotas. Sem advertir cahimos em infinitas faltas pequenas, offensivas daquelles com que vivemos. Estas os dispõem a censurar o que facilmente soffrerião, se não tivessem já no espirito hum principio de rancor. Em fim quasi sempre he verdade, que se nos não amão, he porque não sabemos fazer-nos amar.

Nós mesmos pois contribuimos ás inquietações, perturbações e empates que nos causão os outros; e como isto fórma em parte a nossa infelicidade, nada nos he mais importante, ainda segundo o mundo, que applicarmos-nos a evitallo. A sciencia que nollo ensina, he mil vezes mais util que todas as que os homens aprendem com tanto tempo e cuidado. He para cho-
rar

rar a má escolha que fazem no estudo das artes, exercícos e sciencias. Applicação-se com desvelo a conhecer a materia, e a descobrir os meios de fazella servir ás suas necessidades. Aprendem a arte de amansar os animaes e de empregallos no uso da vida, e só não pensão naquella, que ensina a fazer os homens uteis, e a impedir que elles se inquietem e vivão infelizmente, quando he certo que contribuem muito mais á sua felicidade ou infelicidade que todas as outras creaturas.

Isto nos dicta o nosso discurso sobre esta obrigação. Se consultarmos porém a Religião e a Fé, ellas nos inspirão o mesmo, ainda que de outra forte. Pela authoridade dos seus preceitos e pelas razões divinas he que no-lo persuadem. Jesus Christo de tal modo amou a paz, que das oito bemaventuranças, que nos propõe no Evangelho, fórma duas, que a tem por objecto: *Felices (diz elle) os que são doces, porque possuirão a terra.*

(1) Esta comprehende o socego da vida

(1) Matth. 5. 4.

da presente e o descanso da futura. *Felices*, prosegue ainda, *os pacificos, porque serão chamados filhos de Deos.*

(2) Esta contém a mais alta dignidade a que os homens podem elevar-se, e que he devida á maior das virtudes. S. Paulo faz huma lei expressa tocante á paz, mandando guardalla, quanto he possivel, com todos os homens. (3) Prohibe as controversias, e ordena a paciencia e a doçura para com todo o mundo. (4) Em fim, declara que o espirito da disputa não he o da Igreja. (5)

Não ha advertencia mais frequente nos livros do Sabio, que a que se encaminha a regular-nos no commercio, que temos com o proximo, e a fazer-nos fugir do que póde excitar divisões e contendias. Neste pensamento he que nos diz que as palavras do-

B

ces

(2) Ibid. 9.

(3) *Si fieri potest cum omnibus hominibus pacem habentes.* Rom. 12. 18.

(4) *Servum Domini non oportet litigare, sed mansuetum esse ad omnes.* 2. Tim. 2. 24.

(5) *Siquis videtur contentiosus esse, nos talem consuetudinem non habemus, neque Ecclesia Dei.* 1. Cor. 11. 16.

ces multiplicação os amigos , e adoção os inimigos ; (6) e que os homens de conhecida bondade são cheios de doçura e complacencia. (7)

N'outro lugar diz que as respostas brandas aplacão a colera , e as duras excitão o furor. (8) N'outra parte declara que o Sabio faz-se amar por suas palavras. (9)

Em fim de tal forte exalta esta virtude , que a chama arvore da vida , porque nos procura o descanso assim nesta , como na outra vida. (10)

Quiz ainda ensinar-nos que o proveito que nos traz , fazendo que nos amem , he preferivel ás cousas que os homens mais deseão , que são a honra e a gloria. Este he o sentido das seguintes palavras: *Filho , fazei as vossas obras com doçura , e sereis ama-*

(6) *Verbum dulce multiplicat amicos & mitigat inimicos. Eccli. 6. 5.*

(7) *Et lingua eucharis in homine bono abundat. Ibid.*

(8) *Responsio mollis frangit iram , sermo durus suscitatur furorem. Prov. 15. 1.*

(9) *Sapiens in verbis seipsum amabilem facit. Eccli. 12. 13.*

(10) *Lingua placabilis , lignum vita. Prov. 15. 4.*

amado mais que a gloria dos homens. (11)

O Sabio compara a paz ás duas cousas, que os homens pertendem principalmente receber huns dos outros, que são o amor e a gloria. A gloria vem da idéa da excellencia: o amor nasce da idéa da bondade, a qual se manifesta pela doçura. Nesta comparação nos ensina, que ainda que a estimação dos homens lifongee mais a nossa vaidade, he com tudo melhor ser delles amado. A razão he; porque estimando-nos, só temos entrada no seu entendimento; e amando-nos, a temos no seu coração. A inveja acompanha muitas vezes a estimação; mas o amor extingue todas as paixões malignas, que são quem perturba o nosso descanso.

B ii CA-

(11) *Fili in mansuetudine opera tua perfice, & super hominum gloriam diligeris. Eccli. 3. 19.*

CAPITULO III.

Razão, por que devemos ter paz com quem vivemos.

Podem tirar-se da Escriitura razões infinitas, que nos excitẽm a conservar por todos os meios possiveis a paz com os homens.

I. Nada ha tão conforme ao espirito da Lei nova, como a prática desta obrigação, á qual, póde dizer-se, que esta Lei nos conduz por sua mesma essencia. A concupiscencia, que he a Lei da carne, desfunindo o homem de Deos, o desfunde de si mesmo pela rebeldia das paixões contra a razão, e dos outros homens, fazendo-o seu inimigo, e induzindo-o a que procure erigir-se em seu tyranno. A caridade pelo contrario, que he a Lei nova, que Jesus Christo trouxe ao mundo, repara as desuniões, que o peccado ha produzido; reconcilia o homem com Deos, sujeitando-o ás suas Leis; comfigo; sujeitando as suas paixões á razão; em fim com todos os ho-

homens , tirando-lhe o desejo de dominallos.

Hum dos principaes effeitos desta caridade para com os homens he applicar-nos a conservar a paz com elles ; pois he impossivel que ella seja viva e sincera no coração ; sem que nelle produza esta applicação. Tememos naturalmente offender aquelles que amamos. Este amor representando-nos grandes e importantes as faltas que commetemos contra os outros , e leves e pequenas as que elles commettem contra nós , extingue por aqui a mais ordinaria origem das queixas , que quasi sempre nascem daquellas falsas idéas , que engrossão á nossa vista tudo o que nos toca em particular , e diminuem tudo o que toca aos outros.

2. He impossivel amar os homens , sem que se deseje servillos ; e he impossivel servillos , sem estar bem com elles ; de sorte que a mesma obrigação que , segundo a Escritura , (1) temos de servir os outros homens , do modo que pudermos , nos obriga tam-
bem

(1) Galat. 6. 2.

bem a que nos conservemos com elles em paz , por ser ella a porta do coração , que fechada pelo odio , se nos faz inteiramente inacessivel.

3. He verdade que nem sempre estamos em estado de servillos , fazendo-lhes discursos que os edifiquem ; mas ha outros modos de os servir. Podemos servillos pelo silencio , pelos exemplos de modestia , de paciencia , e de todas as mais virtudes ; mas a paz e união he que os dispõe , para que delles se aproveitem.

A caridade não só abraça todos os homens , mas abraça os em todo o tempo. Assim devemos ter paz com todos elles e em toda a occasião ; porque não ha tempo , em que não devamos amallos e desejemos servillos ; e por consequencia não o há tambem , em que não devam os tirar da nossa parte todos os obstaculos que puderem embarçar estes officios. O obstaculo maior he o desvio e a aversão que os homens nos podem ter. Mas elle não nos impede ; porque quando não possamos conservar com elles a paz in-

terior, que consiste na união dos sentimentos, procuremos ao menos conservar a exterior, que consiste nas obrigações da civilidade humana, a fim de que nos não façamos incapazes de os servir algum dia, e para que mostremos a Deos o desejo sincero que temos de fazer este serviço.

Demais, se actualmente os não servimos, ao menos somos obrigados a não lhes fazer mal. He fazer-lhes mal, incitallos por nossas offensas a que se desgostem de nós. He causar-lhes verdadeiro damno, dispollos pelo retiro, que farão da nossa presença, a que formem máo conceito das nossas acções e palavras, a que fallem dellas com offensa da sua consciencia, a que desprezem ainda a verdade proferida pela nossa boca, e a que não amem a justiça, quando a defendemos.

Não he pois só o interesse dos homens, he tambem o da verdade, quem nós obriga a não irritallos inutilmente contra nós. Se a amamos, devemos evitar fazella odiosa pela nossa imprudencia, e não impedir que ella entre

no coração e espirito dos homens, fechando-os a nós mesmos. Para que evitemos este defeito he que a Escri-tura nos adverte que *os Sabios ornão a sciencia*; (2) isto he; que a fazem veneravel; e que o apreço, que elles adquirem por sua moderação, faz parecer mais augusta a verdade que annuncião; ao mesmo passo que fazendo-se desprezar, ou aborrecer dos homens, a deshonrão; porque o desprezo e o odio passão de ordinario da pessoa á doutrina.

He certo ser impossivel que as pessoas de vida ajustada se conservem sempre em paz com os homens, depois de lhes dizer Jesus Christo que não devião esperar da parte delles hum tratamento diverso daquelle que elles lhe derão. Por esta mesma razão he que S. Paulo, exhortando-nos a conservar a paz com elles, põe a seguinte clausula, *se he possivel*. (3) Sabia muito bem o Apostolo que nem sempre he possivel esta conservação; porque ha

(2) Prov. 15. 2.

(3) *Si fieri potest*. Rom. 12. 18.

ocasiões , em que de necessidade devemos arriscar-nos a irritallos , oppondo-nos ás suas paixões. Mas para que o façamos utilmente , e sem hum justo receio de contribuir ás tristes consequencias ; que nascem algumas vezes desta opposição , he necessario evitar com summo cuidado irritallos inutilmente por cousas de pouca importancia , ou por hum modo muito aspero ; porque só aquelles , que disfarção aos outros quanto está em seu poder , são os que podem reprehendellos com fruto.

S. Pedro conhecendo bellamente ser inevitavel que os Christãos soffrão e sejão perseguidos , recommenda-lhes que não mereção por seus crimes o que padecem. (4). Do mesmo modo póde-se-lhes dizer , que sendo tambem inevitavel ser aborrecidos dos homens , devem evitar com todo o cuidado fazer-se odiosos por sua imprudencia e indiscrição ; e perder desta sorte o merecimento que podem adquirir por esta especie de soffrimento.

Ha

Ha ainda outra razão que faz a paz necessaria, e que nos obriga a procuralla quanto nos he possivel. He ella a correccão fraterna, que o Evangelho expressamente nos recommenda como huma obrigação estreitissima. (5) Com tudo he certo que pouca gente pôde praticalla utilmente, sem que cause mais mal do que bem aos que reprehende. Mas por este motivo não deve cada hum julgar-se dispensado da sua observancia. Como ninguem he livre de culpa diante de Deos, quando por sua imprudencia se impossibilita para praticar a caridade corporal, e o Senhor nos impute o defeito das boas obras, de que nos privamos culpavelmente, não devemos da mesma forte julgar-nos izentos de peccado, quando a nossa negligencia em conservar a paz com o proximo nos reduz á impossibilidade de praticar com elle a caridade espirital, que lhe devemos.

Em fim o nosso interesse espirital, e a caridade, que devemos a nós mesmos,

(5) Matth. 18. 15.

mos, nos obrigão a evitar tudo o que póde defavir-nos com os homens, e constituir-nos objecto do seu odio ou do seu desprezo. Pois que nenhuma outra cousa he mais capaz de extinguir ou resfriar a caridade, que lhes devemos, nem mais difficultosa, que amar aquelles, em que não se acha senão frieza e aversão.

C A P I T U L O . IV.

Regra geral para conservar a paz.
Não offender alguém, nem offender-se de cousa alguma. Os modos de irritar os outros são os dous seguintes: contradizer as suas opiniões; oppôr-se ás suas paixões.

A Difficuldade não consiste em cada hum convencer-se da necessidade de conservar a união com o proximo; mas sim em conservalla effectivamente, evitando tudo o que a póde alterar. He certo que só huma caridade abundante produz este grande effeito. Mas entre os meios humanos, uteis

uteis a esta conservação, parece não haver outro mais proprio que applicar-se cada hum a conhecer bem as causas ordinarias das divisões, que succedem entre os homens, para que possa prevenillas. Considerando-as em geral, póde dizer-se que não nos desfavimos dos homens, senão porque offendendo-os, os incitamos a que se separem de nós; ou porque dando-nos por offendidos das suas acções ou palavras, nos separamos delles, e renunciamos a sua amizade. Huma e outra cousa póde fazer-se, ou por hum rompimento manifesto, ou por huma frieza insensível. Mas de qualquer modo que isto se faça, sempre estes descontentamentos reciprocos são as causas das divisões; e o meio unico de as evitar he não fazer cousa, que possa offender a outrem, nem offender-se de cousa alguma.

Nada ha mais facil que prescrever isto em geral. Mas poucas cousas ha mais difficultosas na prática. Póde dizer-se que esta regra he daquellas, que sendo muito curtas nas palavras, são

extensísimas, no sentido, e encerrão na sua generalidade hum grande número de obrigações muito importantes. Por esta causa bom he declaralla, examinando mais particularmente porque meios se póde evitar offender os homens, e pôr o nosso espirito na disposição de que não se offenda do que elles podem fazer, ou dizer contra nós.

O meio que ha, para que cada hum seja feliz na prática da primeira destas obrigações, he saber o que os offende e lhes imprime a idéa da aversão e do retiro. Parece que as causas desta idéa podem reduzir-se a duas, e são: contradizer as suas opiniões e impugnar as suas paixões. Mas como isto póde fazer-se de diversos modos; pois que as opiniões e paixões não são todas da mesma natureza, e ha homens que são mais sensiveis para humas que para outras, he necessario levar mais longe este estudo, considerando mais miudamente os juizos e paixões, cuja impugnação he mais perigosa.

CAPITULO V.

Causas do apego que os homens tem ás suas opiniões. Quaes são os mais sujeitos a este apego.

OS homens são naturalmente ape-
gados ás suas opiniões , porque
já mais não estão sem alguma cubiça ,
que os incite a appetecer reinar sobre
os outros em todos os modos , que
lhes são possíveis. Nelles reina-se de
alguma sorte pela crença. Fazer que
elles recebam as suas opiniões he hu-
ma especie de imperio. Assim a oppo-
sição que se encontra nisto offende á
medida do amor , que se tem a esta
casta de reinado. O homem põe a sua
alegria , diz a Escritura , nos sentimen-
tos que exprime. (1) Expressando-os ,
fallos seus ; constitue-os seu bem ; agar-
ra-se a elles por interesse ; e destruil-
los he destruir huma cousa que lhes
pertence. Isto não póde fazer-se sem
mostrar-lhe que se engana , e elle na-
da

(1) *Latatur homo in sententiis oris sui. Prov. 15. 23.*

da gozta de ser enganado. Quem contradiz a outrem sobre algum ponto, pertende ao menos ter neste ponto mais luzes que elle ; e nisto lhe apresenta ao mesmo tempo duas idéas desagradaveis : huma , que tem falta de luzes ; outra , que quem o contradiz , o excede na intelligencia das cousas. A primeira abate-o , a segunda irrita-o e excita a sua inveja. Estes effeitos são mais vivos e mais sensiveis todas as vezes que a cubiça de reinar sobre os outros he mais ardente e mais activa : mas poucas pessoas ha que as não fin-tão em algum gráo , e que soffrão a contradicção sem alguma especie de co-lera.

Além desta causa geral ha outras muitas , que fazem que os homens se apeguem mais aos seus pensamentos , ou sejam mais sensiveis á contradicção. Ainda que parece que a piedade , diminuindo a estimação , que cada hum tem de si mesmo , e o desejo de dominar sobre o espirito dos outros , deve diminuir o apego aos seus proprios sentimentos , muitas vezes succede o

con-

contrario. Como as pessoas espirituaes olhão para todas as cousas com vistas espirituaes, e com tudo aconteça algumas vezes enganarem-se, acontece tambem algumas vezes espiritualizarem certas falsidades, e revestirem opiniões incertas, ou mal fundadas de razões de consciencia, que as levão a sustentallas com teima. De sorte que applicando o amor que tem em geral para a verdade, virtude e interesses de Deos a estas opiniões, que ainda não examinarão bem; o seu zelo se excita e accende contra os que as combatem, ou mostrão não estar dellas persuadidos. E o que ainda conservão de cubica dominante, misturando-se e confundindo-se com estes movimentos de zelo, propaga-se com tanta maior liberdade, quanta he menor a resistencia que lhe fazem. Não distinguem estes dous movimentos que obrão no seu coração, porque o seu espirito não está sensivelmente occupado, senão das razões espirituaes, que lhes parecem ser a unica origem do seu zelo.

Por hum effeito desta illusão secreta

ta vem-se pessoas tementes a Deos aperearem-se a opiniões de Filosofia, ainda que falsissimas, de sorte, que olhão com piedade para os que as não seguem, tratando-os de amadores de novidades, ainda quando he indubitavel o que elles dizem. Parece não ser possível fallar-lhes contra as fórmãs substanciaes, sem que isto lhes cause indignação. Interessão-se tanto, por Aristoteles e pelos Filósofos antigos, como poderião interessar-se pelos Padres da Igreja. Algumas defendem o Sol de modo, que se persuadem fazer-se injuria a este astro, se se affirma que elle he hum monte de atomos movido com velocidade. Não póde negar-se que a cubiça he que produz estes movimentos, que são certas maxims espirituaes, verdadeiras em geral, porém mal applicadas em particular. He bem certo que a novidade deve aborrecer-se. Tambem he certíssimo que se não deve abater por capricho aquelles, que o consentimento público das gentes sabias ha julgado dignos de estimação. Mas com tudo isto, quando

se trata de cousas, que não tem outras regras mais que a razão, a verdade conhecida deve preferir-se a todas estas maximas, as quaes só devem servir de fazer-nos mais circumspectos, para que nos não deixemos enganar de ligeiras apparencias.

Todas as qualidades exteriores, que sem augmentar os nossos conhecimentos, contribuem a que nos persuadamos de que temos razão, fazendo-nos apegar mais aos nossos juizos, nos fazem tambem mais sensiveis ás contradicções. Destas ha muitas, que produzem em nós este effeito.

Os que fallão bem e com facilidade, estão sujeitos a apegarem-se aos seus juizos, de forte que não os largão facilmente; porque crem que assim como excedem os outros fallando, os excedem tambem discorrendo. O excesso que lhes levão em fallar, he-lhes visivel e palpavel; ao mesmo tempo que a sua falta de luz e exacção no discurso lhes he occulta. Demais; a facilidade que elles tem em se exprimir, dá hum-certo brilhante aos seus pen-

penfamentos , posto que falsos , que os cega ; ao mesmo passo que os que fallão com difficuldade , obscurecem as verdades mais claras , dando-lhes assim huma tal apparencia de falsidade , que muitas vezes são obrigados a ceder e mostrar-se convencidos por lhes faltarem os termos necessarios para se desembaraçarem destas resplandecentes falsidades.

O que fortifica este apego nos que tem facilidade de dizer , he que elles de ordinario conseguem que o commum das gentes abrace os seus sentimentos ; porque este já mais não deixa de conceder a victoria da razão áquelles , que tem da sua parte a victoria da palavra. Esta pública adhesão unida á sua propria , faz que elles ainda mais se contentem dos seus penfamentos , julgando-os desde este ponto conformes tambem á luz do sentimento commum. Mas aqui não ha outra cousa mais que receberem elles o que emprestarão , e virem desta forte a ser enganados por aquelles que enganarão.

Ha outras muitas qualidades exte-

riores, que produzem o mesmo effeito, como por exemplo, a moderação, a circumspecção, a deixação das cousas, a paciencia. Os que as possuem, comparando-se com os que as não tem, não podem deixar de lhes preferir neste ponto; no que não commettem injustiça alguma. Mas como estas qualidades são mais sensiveis que as do espirito, e concilião crença e authoridade no mundo, as pessoas que as tem, chegam muitas vezes a preferir o seu juizo ao daquellas que as não tem. Por huma vaidade grosseira julgão que não excedem as outras na sciencia, mas sim na subtileza e modo com que se explicão; porque além da impreissão que faz sobre ellas a approvação do vulgo, a quem enganão por suas qualidades exteriores, applicão-se a notar os defeitos, em que as outras cahem, o modo com que propõem os seus sentimentos, e insensivelmente chegam a reputar estes defeitos por defeitos da razão.

Ha pessoas persuadidas de que tendo cuidado de pedir a Deos as luzes

ne-

necessarias para se conduzirem em certas occasiões difficultosas, isto lhes basta, para que prefirão os seus sentimentos aos daquellas, em que não observão a mesma vigilancia para a oração. Porém não advertem que o verdadeiro effeito deste exercicio não he tanto fazer-nos mais sabios, como produzir em nós mais desconfiança das nossas proprias luzes e dispôr-nos para seguirmos as dos outros. Muitas vezes succede que huma pessoa menos virtuosa tenha na realidade mais luz sobre hum certo ponto, que outra que tem mais virtude. Mas ao mesmo tempo toda esta luz lhe servirá muito menos por causa do máo uso que della faz, do que se tivera conseguido por suas orações assim a docilidade para receber as verdades propostas por outrem, como a graça de usar bem dellas.

Os que tem a imaginação muito viva, e que concebem fortemente as cousas, estão sujeitos a agarrarem-se ao seu juizo; porque a applicação viva que tem para certos objectos, lhes im-

impede estender, quanto baste, a vista do seu entendimento, para que formem hum justo juizo, o qual depende da comparação de diversas razões. De tal sorte se occupão de huma razão, que não admittem as outras. Afsemelhão-se propriamente áquelles, que estando muito perto dos objectos, delles não vem senão o que está precisamente diante de si.

Por muitas destas razões he que as mulheres, particularmente as que tem muita viveza de espirito, estão sujeitas a ser muito apegadas aos seus sentidos. Ellas tem de ordinario hum espirito de imaginação mais vivo que extenso; e assim occupão-se fortemente do que as fere, e no mais considerão muito pouco. Fallão bem e facilmente, e deste modo concilião crença e estimação. São moderadas e exactas nas acções de piedade. Tudo isto contribue para que estimem os seus pensamentos, e nada ha que as faça desconfiar delles.

Em fim, tudo o que engradece os homens no mundo, como riquezas,
po-

poder , authoridade , os faz insensivelmente mais apegados aos seus sentimentos , tanto pela complacencia e crença que estas cousas lhes concilião , como porque são menos costumados á contradicção , o que os faz mais sensiveis. Como muitas vezes não advertem que se enganão , costumão-se a crer que não se enganão , e admirão-se quando se intenta capacitallos de que estão sujeitos ao engano como os mais.

Será na verdade abuso destas observações geraes tomar dellas motivo para attribuir em particular este apego vicioso áquelles , em que se divisão qualidades capazes de o produzir. Ellas não o produzem necessariamente. Assim o uso que se deve fazer das taes observações não consiste em suspeitar , ou condemnar alguem em particular , porque nelle se vem estes sinais incertos ; mas em concluir que quando se trata com pessoas , que por seu estado , ou pela qualidade do seu espirito , podem ter este defeito , ou o tenham ou não effectivamente , he
sem-

fempre util a cada hum conter-se , para que não impugne sem grandes razões as suas opiniões e os seus sentimentos. Esta precaução não será já mais nociva , antes póde ser utilissima em certas occasiões.

C A P I T U L O VI.

Quaes sejam as opiniões mais perigosas de combater.

HE necessario advertir que assim como ha maior perigo em contradizer mais humas pessoas que outras , ha tambem opiniões a que se deve ter maior respeito. Taes são as que não sendo particulares de alguma pessoa do lugar , em que se vive , estão com tudo nelle estabelecidas por hum approvação geral. Quem as combate , mostra querer elevar-se assim de todos os outros , e dá-lhes assim motivo a que se interessem na sua defeza com mais calor do que na dos seus proprios sentimentos. A malignidade natural , quando tem hum pre-
tex-

texto honesto , de que se cubra , como tem quando se disfarça com o zelo de defender os seus superiores , ou o corpo a que pertence , he infinitamente viva e operaria.

Esta advertencia he de summa importancia , para que se conserve a paz. Percebe-se a sua extensão , sabendo-se que em toda a Sociedade reinão certas maximas , formadas pelo juizo daquelles que ahi são cridos e dominão por sua authoridade sobre os espiritos. Muitas vezes succede que aquelles mesmos , que as propõem , lhes tenham pouco affetto por falta de clareza que nellas observão ; mas isto não impede que os inferiores rêcebendo-as sem exame , e pelo caminho da simples authoridade , as abracem como indubitaveis ; e fazendo consistir de ordinario a sua felicidade em as conservar a todo o custo , se elevem com zelo contra os que as impugnaõ. Estas maximas e estas opiniões tem algumas vezes por objecto cousas especulativas e questões de doutrina. Em huns lugares estima-se huma casta de

Filosofia , e n'outros outra. Ha partes , onde todas as opiniões severas são bem recebidas , e partes onde ellas são suspeitas. Algumas vezes dependem ellas da estimação que se faz de certas pessoas , principalmente das que são da mesma Sociedade ; porque os que ahi são cridos , dão a cada huma o seu lugar , conforme o conceito que dellas formão , cujo lugar lhes he confirmado pela multidão , que authoriza o juizo dos Superiores , e que se acha sempre prompta a defendello.

Ora como estes juizos possão ser falsos e excessivos , póde acontecer que algumas pessoas particulares desta mesma Sociedade não os approvem , achando aquelles lugares mal concedidos. Se ellas então não usão de muita discriminação , e não tomão grandes precauções , para não offenderem pela diversidade dos seus sentimentos aquelles , com quem vivem , he difficuloso não serem condemnadas de presumpção e temeridade , e os seus sentimentos levados muito além do que pensão , sendo accusadas de desprezar absolutamente

men-

mente aquelles , de que não recebem tanta estimação , como os outros que seguem os seus juizos.

Para evitar estes e outros muitos inconvenientes , em que se póde cair , combatendo as opiniões recebidas , he necessario em qualquer lugar e Sociedade que se viva , fazer hum plano das opiniões reinantes ; e do lugar que cada huma ahi possui , para ter com ellas todas as atenções que a verdade e a caridade podem permittir.

Póde acontecer que muitas destas opiniões sejam falsas , e que muitos destes lugares sejam mal concedidos ; mas o primeiro cuidado que deve ter quem intenta combatellas , he desconfiar de si mesmo neste ponto. Porque se nos homens ha hum fraqueza natural , que os dispõe a deixarem-se arrastar sem exame dos sentimentos de outrem , ha nelles tambem hum malignidade natural , que os incita a contradizer os juizos alheios , principalmente os daquelles que gozão de muita reputação. Ora he mais preciso evitar este vicio que outro qualquer ; porque

que he mais contrario á Sociedade, e mostra haver no coração e no espirito, em que reina, maior desordem. Para se lhe resistir, he necessario favorecer, quanto for possivel, as opiniões dos outros; gostar muito de poder approvallas, e que lhe sirva de argumento, de que se enganará, o serem ellas recebidas e abraçadas pelos outros.

C A P I T U L O VII.

A impaciencia, que incita a contradizer os outros, he hum defeito consideravel. Não ha obrigação de impugnar todas as falsas opiniões. He necessario ter huma circumspecção geral, e não communicar os seus segredos, o que he difficuloso ao amor proprio.

A Impaciencia, que incita a contradizer os outros com calor, vem de soffrermos de má vontade, que elles sigão pareceres differentes dos nossos. Porque elles são contrarios ao nosso sentido, e não porque o sejam á ver-

verdade, he que nos ferem. Se o nosso fim, contradizendo os outros, for o seu proveito, tomaríamos outras medidas e outros caminhos. Contradizendo-os, queremos sujeitallos ás nossas opiniões, e ser-lhes superiores, ou para melhor dizer, queremos tirar huma pequena vingança do aggravo que nos fizerão, quando impugnárão o nosso sentido. Neste procedimento ha a hum mesmo tempo soberba, que nos faz sentir este aggravo; falta de caridade, que nos incita a vingarmo-nos por huma contradicção indiscreta; e hypocrisia, que nos faz cubrir estes sentimentos corruptos com o pretexto do amor da verdade, e do desejo caritativo de tirar os outros dos seus erros, quando na realidade tudo isto se ordena á nossa propria satisfação. Assim póde-se applicar-nos com toda a justiça o que diz o Sabio: *As advertencias feitas pelo homem, que quer injuriar, são falsas e enganosas.* (1) Não he porque elle diga sempre cou-

fas

(1) *Est correptio mendax in ira contumeliosæ.*
Eccli. 19. 28.

fas falsas ; mas porque procura degra-
dar-nos da nossa reputação , e insultar-
nos , mostrando não ter outro desígnio ,
senão a emenda de algum defeito.

Devemos pois considerar esta im-
paciencia , que nos eleva sem discer-
nimento contra tudo o que nos pare-
ce falso , como hum defeito muito con-
sideravel , e muitas vezes não pouco
maior que o erro , de que queremos
livrar os outros. Devendo nós a nós
mesmos a primeira caridade , o nosso
primeiro cuidado deve ser trabalhar
sobre nós mesmos , procurando pôr o
nosso espirito em estado de soffrer em
socego as opiniões dos outros , que
nos parecerem falsas , a fim de que
nunca as combatamos , senão levados do
desejo de lhes ser uteis.

Se este fora o nosso animo , facil-
mente conheceríamos que ainda que
todo o erro seja hum mal , com tudo
ha muitos , cuja destruição não he bem
que se procure com esforço. Muitas
vezes o remedio he peor que o mal.
Quem se applica a extinguir os peque-
nos males , chega a impossibilitar-se pa-
ra.

ra remediar os que são verdadeiramente importantes. Jesus Christo possuía toda a verdade, como diz S. João, (2) e não se vê com tudo que elle emprendesse tirar os homens de outros erros, senão dos que dizião respeito a Deos e aos meios da sua salvação. Sabia todas as falsidades, em que cahião, nas materias da natureza. Conhecia melhor que ninguem, em que consistia a verdadeira eloquencia. A verdade de todos os successos lhe era perfeitamente conhecida. Com tudo não ordenou aos seus Apostolos que combatessem os erros dos homens na Fyfica, que os ensinassem a fallar bem, e que os tirassem dos infinitos erros de *facto*, de que estão cheias as suas historias.

Nós não somos obrigados a ser mais caritativos que os Apostolos. Affim percebendo nós que contradizendo certas opiniões, que não tem por objecto senão cousas humanas, offendemos e irritamos muitas pessoas, e lhes servimos de occasião a que fa-
ção.

(2) Joan. I. 14.

ção juizos temerarios e injustos ; não só podemos deixar de as combater, mas fomos a isso obrigados pela lei da caridade.

Esta circumspecção deve na prática ser completa. Não basta não contradizer na face aquelles, que julgamos estar obrigados a tratar attentamente, he necessario ainda, que a ninguem revelemos o conceito que delles formamos, porque esta revelação he inutil. Muitas vezes ha mais perigo em revelar aos outros o que pensamos das pessoas, que por seu credito e authoridade reinão sobre os espiritos de huma Sociedade, do que dizello a ellas mesmas. Aquelles, a quem descobrimos os nossos pensamentos, possuindo menos luzes, menos rectidão, menos caridade, mais falso zelo e mais ardor, dão-se por mais offendidos, do que se darião aquelles mesmos de que fallamos, se lhos dissessemos. Em fim, porque rara he a pessoa de segredo; pois o ordinario e *commum* das gentes he contar a huns o que delles differão os outros, e contar-lho ainda de hum

hum modo que os offende muito mais, do que se offenderião, se a cousa lhes fora contada, como se disse na realidade, affento que o meio unico de evitar estes inconvenientes he guardar com todo o mundo huma circumspecção quasi geral.

Esta precaução he muito necessaria, mas he difficultosa. Condemnar huma cousa no coração, julgar-se obrigado a não revelalla, e deixar de a revelar, não he cousa facil. O amor proprio procura naturalmente esta descarga, e contenta-se com ter ao menos huma testemunha do seu silencio. Este vapor maligno, que nos provoca a contradizer o que nos offende, vendo-se prezo em hum espirito pouco mortificado, faz continuos esforços para sahir desta prizão, e a afflicção que causa, augmenta-se muitas vezes pela violencia, que se emprega em reprimillo. Mas quanto mais vivos são estes esforços, tanto mais devemos concluir a obrigação que temos de rebatellos, e que nos não devem importar as vidas alheias, quando temos tanta

necessidade de trabalhar a favor das nossas.

Resistindo assim a este desejo de fallar dos defeitos alheios, quando a prudencia não permite descubrillos, virá a succeder ao depois ou reconhecermos que inteiramente não tinhamos razão, ou acharmos tempo proprio de os descubrir com fruto; e deste modo praticaremos o que nos ordena a Es-critura nestas palavras: *O homem de bom sentido reterá em si mesmo as suas palavras até hum certo tempo, e as linguas de muitos publicarão a sua prudencia*: (3) ou quando nem huma, nem outra cousa aconteça, gozaremos sempre do bem da paz, e poderemos justamente esperar a recompensa deste silencio, de que seriamos privados, se nos entregassemos ás nossas paixões.

CA-

(3) *Bonus sensus usque in tempus abscondet verba illius, & labia multorum enarrabunt sensum illius.* Eccli. 1. 30.

CAPITULO VIII.

*Para contradizermos os outros , he
necessario attender ao conceito que
elles formão de nós.*

SE para contradizer os outros he necessario, como já disse, attender á sua qualidade, ao seu espirito e ao seu estado, he-nos ainda mais necessario attender a nós mesmos e ao estado, em que estamos no seu conceito. As opiniões dos outros não se hão de combater, senão no designio de procurar-lhes alguma utilidade. Para isto requer-se ver se estamos em estado de procurar-lha. Nós não podemos conseguir-lha, senão persuadindo-os. Os meios de os persuadir são dous sómente, a authoridade e a razão. He necessario conhecer bem o que se pôde por hum e por outro.

O mais fraco he sem dúvida o da razão; e quem não tem senão este, não pôde, empregando-o, esperar grande fructo; porque na maior parte das gentes só a authoridade faz effeito. Pelo

que convem que neste ponto façamos sobre nós hum exame particular. Achan-do que não temos o credito e a esti-mação necessaria para fazer receber fru-ctuosamente as nossas advertencias , de- vemos então de ordinario persuadir- nos que Deos nos dispensa de dizer o que julgamos das cousas , que nos pa- recem dignas de censura ; e que nes- ta occasião não pede de nós senão o silencio. Se fizermos o contrario , a nossa infamia , a perturbação da paz dos outros , e tambem a perda da nos- sa serão o fruto dos nossos trabalhos.

O conselho que Platão dá de que ninguem pertenda reformar e estabele- cer nas Républicas , senão o que jul- ga poder fazer approvar pelos Cida- dãos que as compõem : *Tantum con- tendere in Republica , quantum pro- bare civibus tuis possis* , não deve en- tender-se só dos Estados , mas deve en- tender-se tambem de todas as Socieda- des particulares. Sendo pensamento de hum Pagão , he juntamente huma ver- dade e huma regra christã ensinada por Santo Agostinho , como absolutamente

ne-

necessaria ao governo da Igreja. *O verdadeiro pacifico* (diz este Santo) *he aquelle, que corrige o que póde das desordens que conhece; e que reprovando por huma luz recta aquelles, que não póde corrigir, não deixa de supportallos com inalteravel firmeza.*

(1) Se este Padre dá esta regra áquelles mesmos, que estão encarregados do governo da Igreja; se elle quer que a paz seja o seu principal objecto, e que para que a não perturbem, soffrão infinitas cousas, quanto não he ella mais necessaria aos que não tem governos, e que só lhes importa a obrigação commua a todos os fieis de contribuir com o que podem ao bem dos seus irmãos?

No estado politico he tido por sedicioso aquelle, que quer reformar as desordens, não occupando emprego que lhe dê esse direito: tambem nas Sociedades devem ter-se por sediciosos aquelles particulares, que não tendo authoridade, se levantão contra os sentimentos ali estabelecidos, e que
por

(1) *De Serm. Dom. in Monte. Liv. I. c. 20. n. 63.*

por esta sua opposição perturbão a paz de todo o corpo. Isto com tudo não deve entender-se senão das desordens, que ha obrigação de tolerar, e que não são tão consideraveis como a perturbação que se seguiria de ser combatidas. Algumas ha taes, que os mesmos particulares devem impugnar; mas destas não fallo eu agora.

C A P I T U L O IX.

Contradizendo os outros, he necessario evitar certos defeitos.

AS maximas que temos proposto, não devem levar-se até fazer hum escrupulo geral de mostrar nas conversações, que não approvamos algumas opiniões seguidas daquelles, com que vivemos. Semelhante escrupulo destruiria a Sociedade em vez de a conservar. A' vista de hum rigor tão aspero, cada hum quereria antes viver consigo só, do que ter communicações. Esta reserva pois deve reduzir-se ás cousas mais essenciaes, e áquellas em
que

que virmos que as gentes tem maior interesse. E ainda então pôde ser que hajão meios de as contradizer, de sorte que seja impossivel darem-se por offendidas. He necessario pois fazer-se nisto hum estudo particular; porque o commercio da vida não pôde subsistir, quando falta a liberdade de mostrar publicamente que nem sempre se podem seguir os sentimentos dos outros.

He cousa utilissima estudar cada hum cuidadosamente como poderá propôr o seu parecer de hum modo tão doce, tão comedido e tão agradável, que ninguem possa offender-se. As pessoas do mundo praticão isto admiravelmente a respeito dos Grandes, porque a cubiça lhes faz descobrir os meios. Nós os descobririamos do mesmo modo, se a caridade em nós fora tão activa, como nellas he a cubiça; e nos fizesse temer tanto aggravar os nossos irmãos, que devemos respeitar como nossos Superiores no reino de Jesus Christo, quanto as pessoas do mundo temem offender aquelles, de que julgão estar pendente a sua fortuna.

Es-

Esta prática he tão importante e tão necessaria em todo o tempo da vida, que sería preciso empregar hum cuidado especial em reduzirla a exercicio. Muitas vezes não são tanto os nossos sentimentos que offendem os outros, como o modo soberbo, presumptoso, apaixonado, desprezador e insolente com que os exprimimos. He necessario pois aprender a contradizer civilmente e com humildade, e respeitar as faltas que nisto se commettem, como faltas da maior consideração.

He cousa difficultosa comprehender em regras e preceitos particulares todos os diversos modos de contradizer as opiniões dos outros sem offendellos. As circumstancias são quem os faz nascer, e o temor caritativo de aggravar os nossos irmãos quem os descobre. Ha porém certos defeitos geraes, que devem andar á vista, para que se evitem com summo cuidado, pois são as fontes ordinarias destes máos modos. O primeiro he aquelle ar imperioso, com que alguns exprimem os seus sentimentos; ar, que poucas
gen-

gentes podem soffrer ; tanto porque elle representa a imagem de huma alma soberba e altiva , objecto de huma natural aversão , como porque parece querer dominar sobre os espiritos dos outros , e ser seu senhor. Este ar he bastantemente conhecido , e assim he necessario que cada hum observe em particular a causa de que procede.

He por exemplo huma especie de imperio naquelle que affligindo-se , porque o não crem , passa a reprehender os seus respectivos incredulos. Isto he o mesmo que accusar aquelles , com que fallamos , ou de huma patetisse , que lhes impede perceber as nossas razões , ou de huma teima , que lhes não permite ceder á força dos nossos discursos. Pelo contrario devemos persuadir-nos que os que senão convencem das nossas razões , não serão convencidos pelas nossas reprehensões ; porque estas são incapazes de illustrar-lhes o entendimento. Elles sómente estão persuadidos que preferimos o nosso juizo ao seu , e que não fazemos caso de offendellos.

He

He tambem defeito grandissimo fallar de hum tom decisivo, como se o que se diz não pudesse ser justamente impugnado. Offendem-se aquelles a que assim se falla, fazendo-lhes sentir que impugnaõ huma cousa indubitavel, ou que se lhes quer tirar a liberdade de examinalla, e de fazer della por suas luzes o seu conceito; o que lhes parece hum injusto dominio.

Para que os Religiosos evitassem este modo offensivo he que hum Santo lhes ordenava temperar todos os seus discursos com o sal da dúvida, opposto a este ar dogmatico e decisivo: *Omnis sermo vester dubitationis sale sit conditus*. Elle julgava que a humildade não permittia arrogar hum conhecimento tão claro da verdade, que não deixasse lugar á dúvida.

Os que tem este ar affirmativo não só mostram que não duvidão do que dizem, mas tambem que não querem que disso possa duvidar-se. Ora isto he querer muito dos outros, e presumir muito de si: cada hum quer ser juiz das suas opiniões, e não quer re-

cebellas senão porque as approva. Tudo o que lucrão as pessoas, que tem este defeito, he applicarem-se as outras mais efficaçmente ás razões de duvidar do que ellas dizem; porque o seu modo de fallar excita hum desejo occulto de contradizellas, e de mostrar que o que dizem com tanta segurança não he certo, ou o não he tanto quanto pensão.

O empenho que cada hum mostra para as suas opiniões, he hum defeito diverso dos que tenho notado, porque estes são compatíveis com a indiferença. Aquelle faz crer que ellas são seguidas, não só por persuasão, mas também por paixão; o que para muitos he hum sinal de que são falsas, e nelles produz huma impressão inteiramente contraria á que pertende produzir o empenhado. A suspeita só de que huma opinião he seguida mais por paixão do que por força da razão, lha fazer por suspeitosa. Elles lhe resistem como a huma injusta violencia, ordenada a introduzir por força as cousas no seu espirito; e tomando muitas ve-

zes estes sinaes de paixão por injurias, chegam a defender-se com o mesmo vigor com que são atacados.

Usar na disputa de termos injuriosos, e que mostram desprezo, he hum defeito tão visivel, que não he necessario advertillo. Mas convem notar que ha certas rudezas e certas incivilidades, que sabem a desprezo, posto que possão vir de outro principio. He muito bastante persuadir aos que pertendemos contradizer que errão, e que se enganão, sem lhes fazer sentir por termos duros, que nos seus discursos não achamos a menor apparencia de razão. A mudança de opiniões, a que queremos levallas, he assás dura á natureza, sem que lhe accrescentemos novas durezas. Estes termos só podem ser bons nas refutações que se fazem por escrito, onde mais se intenta persuadir aos que as lem, a pouca sciencia do refutado, do que persuadir isto a elle mesmo.

Em fim, a seccura, que não consiste tanto na dureza dos termos, como na falta de certos agrados, de ordinario

rio tambem offende , porque ella traz consigo alguma especie de indifferença e de desprezo. Ella deixa a chaga , feita pela contradicção , sem remedio , que possa diminuir a sua dor. Ora não he ter a devida attenção com os homens , motivar-lhes alguma pena , e não mostrar ao depois sentimento , nem procurar adoçalla. Eis-aqui o que a secura não faz ; porque consiste propriamente em não fazello , e em dizer duramente as cousas duras. Tratamos com circumspecção aquellas pessoas , que nos são amaveis e estimaveis ; e áquellas , que não tratamos do mesmo modo , mostramos que nem lhes temos amizade , nem dellas fazemos estimação.

CAPITULO X.

Quaes sejam os mais obrigados a evitar os defeitos assim referidos. He necessario que cada hum regule o seu interior do mesmo modo que o seu exterior, para não offender aquelles com que vive.

Ninguem ha que não seja obrigado a evitar os defeitos, que assim referimos. Mas esta obrigação recae mais sobre humas do que sobre outras pessoas; porque em humas são mais offensivos e mais visiveis que n'outras. O ar imperioso, por exemplo, não he tamanho defeito em hum Superior, em hum velho, em hum homem de qualidade, como em hum inferior, em hum mancebo de pouca consideração. Póde-se dizer o mesmo dos outros defeitos, porque elles offendem menos na realidade, quando estão em pessoas consideraveis e de authoridade. Nestas quasi se confundem com a justa confiança, que lhes concede a sua dignidade, e parecem muito menores.

Mas

Mas elles são extraordinariamente aggravantes nas pessoas commuas, e de que não se espera senão hum ar modesto e moderado.

Os sabios na qualidade de sabios quererão arrogar a si o direito de fallar dogmaticamente de todas as cousas; mas enganão-se. Os homens não tem concedido este privilegio á sciencia verdadeira, mas sim á sciencia reconhecida. Se a nossa não he desta classe, he no conceito dos outros, como se o não fora; e assim ella não nos dá direito algum de fallar decisivamente; pois que tudo o que dizemos, deve sempre proporcionar-se ao espirito daquelles a quem fallamos, e esta proporção depende da estimação e da crença que elles nos dão, e não da verdade.

Para fallar pois com authoridade e decisivamente, he necessario ter ao mesmo tempo sciencia e crença. Fallando huma ou outra, quasi sempre se dão as gentes por offendidas. Daqui segue-se que as pessoas feias, os homens pequenos, e geralmente todos os
que

que tem defeitos exteriores e naturaes, por mais habéis que sejam, são mais obrigados que os outros a fallar modestamente, e evitar o ar imperioso e de authoridade. Porque ao menos que não sejam de hum merecimento muito extraordinario, he bem raro que os respeitem e attendão. Quasi todos olhão para elles com algum genero de desprezo; porque estes defeitos ferindo os sentidos, arrastrão a imaginação, e poucas pessoas se deixão tocar das qualidades espirituaes, e muitas menos são capazes de as discernir.

Deve concluir-se daqui, que os principaes meios para não offender os homens se reduzem ao silencio e á modestia, isto he, á suppressão dos sentimentos, que podem irritar; menos que a utilidade de os expôr não seja muito grande, e a observar as medidas necessarias, quando houver obrigação de os exprimir, que tirem á contradicção, quanto possivel for, a sua dureza.

Mas a observancia destas regras não será já mais fructuosa, se reforma-
do

fer motivo da morte espiritual de quem contradisse e de quem foi contradito; porque o desgosto póde por tempo vir a augmentar-se de forte, que extinga em ambos a caridade. Elle disporá o contradito a dar má intelligencia a outras palavras, que facilmente soffreria, se o seu coração não estivesse já irritado. Será menos moderado a respeito do contraditor, e este procedimento fará com que elle lhe falle com mais dureza n' outras occasiões; e estas vindo a ser então mais frequentes, aquelle desgosto se converterá em hum odio, que desterre inteiramente a caridade.

Estes accidentes não são só possiveis, mas ordinarios. Raras vezes acontece que as inimizades e os odios, que matão a alma, não sejam procedidos, e não andem ainda annexos a huns pequenos desgostos, que as indiscrições produzem. Por esta razão não me admiro que o Sabio peça com tanta instancia a Deos, que imprima hum sello sobre os seus beiços, com medo de que a sua lingua seja a sua per-

perdição. (2) Eu entendo facilmente que elle nisto pedia a Deos , que o não deixasse proferir palavra sem sua ordem , da mesma forte que nada se tira do lugar sellado sem licença de quem o sellou. Isto he , o Sabio desejava poder vigiar sobre todas as suas palavras com tanta exacção , que nenhuma deixasse de ser regulada , segundo as leis de Deos , que são as mesmas que prescreve a caridade ; porque se alguem se applica só a vigiar sobre as que se apartão visível e grosseiramente da caridade , he impossivel que lhe não escapem muitas , que produzem pessimos efeitos.

He pois estranha a condição dos homens nesta vida. Não só caminão sempre para huma eternidade feliz ou infeliz , mas cada passo , cada acção , cada palavra os determina muitas vezes para hum destes dous estados. A sua salvação ou a sua perda podem estar pendentes destas cousas , posto que ellas não pareçam ser de alguma con-

E ii

se-

(2) *Super labia mea signaculum certum ne lingua mea perdat me. Eccli. 22. 33.*

sequencia. Nós todos estamos sobre a borda de hum precipicio , e basta hum só passo dado em falso , para que nelle caiamos. Huma palavra indiscreta , alterando ao princípio o nosso espirito , o nosso proprio pezo he capaz de arrastrallo ao depois até o abyfmo.

C A P I T U L O XI.

He necessario respeitar os homens , e não ter por dura a obrigação que ha de tratallos com circumspecção. He hum bem não ter auctoridade , nem crença.

NÃO basta tratar com circumspecção os homens , he necessario ainda respeitallos. Nada ha que possa mais affastar-nos de offendellos , que o respeito interior que lhes tivermos. Os fervos nenhuma difficuldade sentem em não contradizer os seus Senhores , nem os Cortezãos em não contrariar os Reis , porque a disposição interna da sujeição , em que vivem , aplaca o impeto dos seus sentimentos , e di-
ri-

rige insensivelmente as suas palavras. Nós estaríamos no mesmo estado a respeito de todos os Christãos, se os considerassemos como nossos Superiores, e como nossos Senhores, assim como no-lo ordena S. Paulo; (1) se nelles considerassemos a Jesus Christo; se nos lembrassemos que os poz em seu lugar; e se em vez de applicarmos o nosso espirito aos seus defeitos, o applicassemos aos motivos, que temos para estimallos e preferillos a nós.

Sobre tudo he necessario não ter por dura e incommoda a obrigação do silencio, da moderação e da modestia nas palavras; mas sim tella por feliz, favoravel e vantajosa, porque nada melhor que ella póde conservar-nos na humildade, que he a maior dita dos Christãos. Ella he que nos deve fazer amavel tudo o que nos conduz ao abatimento, como por exemplo, a falta de authoridade, e os outros defeitos, que no-lo attrahem. Por huma parte he certo que os que não tem authoridade, nem crença, são obrigados,

(1) Phil. 2. 3.

dos , por muita sciencia que tenham , a fallar com mais modestia e mais respeito que os outros ; mas por outra parte tambem he certo que elles devem ter isto por mais ignominioso.

Não he pequeno perigo ser mestre dos espiritos , e dar-lhes o movimento e as impressões que lhe parece ; porque daqui segue-se communicar-lhes todas as falsidades , de que está preocupado , e todos os juizos temerarios que fórma. Aquelles porém que não se achão neste estado , estão livres deste perigo. Se se enganão , enganão a si sós , e por ninguem são responsaveis. Não recebem dos que os communicão , estes elogios que fazem o maior alimento da vaidade. E como os homens pouco se interessão por elles , elles tambem se sentem menos movidos a interessar-se pelos homens , e assim tem mais facilidade de não ver senão a Deos nas suas acções.

Para nos humilharmos , não he necessario buscar directamente esta privação de authoridade e de crença , quando nella temos incorrido por nosos
de-

defeitos. Mas de qualquer sorte que nella incorramos , senão somos obrigados a amalla em si , devemos com tudo confessar que os seus effeitos nos são favoraveis ; pois que este estado negando-nos este alimento da soberba , livra-nos de participar de muitas cousas perigosas , e obrigando-nos a huma severa moderação nas palavras , defende-nos de infinitos perigos. He verdade que a referida privação nos tira o bem de edificar o nosso proximo ; mas como Deos nos encarregou mais particularmente a nossa salvação que a dos nossos irmãos , parece que ha mais razão para desejala , do que para aborrecella. Os que se achão reduzidos ao estado dito , seja qual for o caminho , por onde a elle vierão , tem justos motivos para dizer a Deos com confiança e alegria : He huma cousa excellente para mim terdes-me humilhado , a fim de que eu aprenda as vossas ordenações cheias de justiça.

(2)

C A-

(2) *Bonum mihi quia humiliasti me , ut discam justificationes tuas.* Pl. 118. 71.

CAPITULO XII.

Posto que a colera que os homens sentem, vendo combatidas as suas paixões, seja injusta, não convem combatellas. Ha tres generos de paixões, justas, indifferentes, injustas. Como devemos portar-nos a respeito das paixões injustas.

O Que dissemos dos meios de não offender os homens, contradizendo as suas opiniões, dá-nos muita luz para comprehendemos o modo, com que devemos tratallos nas suas paixões, das quaes fazem parte as suas mesmas opiniões. Se se picão de as ver combatidas, he porque as amão e vivem afferrados a ellas por paixão.

A colera que sentem, quando se faz opposição aos seus desejos, vem da mesma fonte, donde nasce a que experimentão, quando se combatem os seus pensamentos. Esta fonte he huma tyrannia natural, que lhes faz appetecer o dominio sobre todos os homens, e a sujeição de todos elles á sua

sua vontade. Mas porque esta tyrannia parece muito irracional, quando se deixa ver claramente, o amor proprio cuida em disfarçalla, occultando as paixões debaixo do véo da justiça, persuadindo-os que a opposição não os offende, senão porque he injusta e contraria á razão.

Mas ainda que este discurso seja injusto, e não deva fazer-se a ninguem, com tudo he justo arriscar-se a excitallo por sua indiscrição. Póde acontecer muitas vezes, que obrando mal aquelle, que se offende de não ver abraçadas as suas opiniões, obre ainda peor aquelle que não as abraça; porque falta a huma obrigação, a que a razão obriga, e he causa das culpas, que a colera faz commetter aos que a sentem.

He necessario pois que cada hum se applique ao que deve ás inclinações dos outros, porque de outra sorte he impossivel evitar as queixas, as murmurações, as querellas, que são inimigas da paz do espirito e da caridade, e por consequencia contrarias

ao estado da vida verdadeiramente christã.

Advirta-se que não procuramos aqui o meio de agradar aos homens, mas sómenté o meio de não desagradar-lhes, e de não attrahir sobre nós o seu odio, porque isto basta para a paz, de que fallamos. He verdade que ganhando a sua afeição, melhor se consegue a paz; porém muitas vezes esta afeição custa muito a adquirir. Contente-se cada hum em não fazer-se aborrecido, e evitar as reprehensões e as queixas. O que não póde conseguir-se senão estudando as inclinações dos homens, e seguindo-as tanto quanto a justiça pede, ou permite.

Entre estas inclinações ha humas, que podem chamar-se justas, outras indifferentes, e outras injustas. As que são injustas não se devem já mais satisfazer positivamente; mas não he sempre necessario resistir-lhes. Quando se lhes resistir, he sempre preciso comparar o bem e o mal, e ver se o bem que se espera desta resistencia, he maior que o mal que ella causará. Póde-se

applicar a toda a casta de pessoas esta
 regra , que dá Santo Agostinho para re-
 prehenber os Grandes do mundo : « Se
 » he para temer que irritando-os pela
 » reprehensão , elles obrem algum mal
 » maior que o bem que se pertende
 » procurar-lhes , não reprehendellos
 » então he conselho da caridade , e não
 » pretexto da cubiça. » (1) Demais :
 ninguem imagine que pouca virtude
 basta para soffrer com paciencia os de-
 feitos , que se julgão não poder-se cor-
 rigir ; e que a liberdade , que faz re-
 prehenber fortemente as desordens , se-
 ja mais rara e mais difficil que a dis-
 posição de huma pessoa , que geme
 diante de Deos , que faz violencia a
 si para calar-se , e que bem longe de
 desprezar os outros , serve-se delles
 para humilhar-se pela consideração da
 miseria commua dos homens. Esta dis-
 posição encerra ao mesmo tempo a
 prática da mortificação , reprimindo o
 impeto natural ; que nos move contra
 aquelles , que não podemos corrigir ;
 a da humildade , dando-nos huma idéa
 mais

(1) *De Civ.* liv. 1. cap. 9. n. 2.

mais viva da nossa propria corrupção ; e a da caridade , fazendo-nos suppor-
tar com paciencia os defeitos do pro-
ximo.

Em fim , resiste-se deste modo a hum
dos grandes defeitos dos homens , qual
he , intrometterem-se em tudo as suas
paixões , de sorte que até por influxo
dellas elegem de ordinario as virtudes
que hão de praticar. Querem repre-
hender os que deverião soffrer , e que-
rem soffrer os que deverião reprehen-
der. Cuidão dos outros , quando Deos
lhes manda que cuidem de si sós ; e
querem cuidar de si sós , quando Deos
quer que cuidem dos outros. Senão
podem praticar certas acções de virtu-
de , que tem no pensamento ; deixão
tudo , em lugar de ver que esta im-
possibilidade , em que Deos os poz a
respeito destas virtudes , lhes dá o meio
de praticar outras , que lhe serião tan-
to mais agradaveis , quanto nellas te-
rião menos parte a sua vontade e a
sua eleição.

Ha ainda outro defeito , que pó-
de commetter-se nesta materia , e vem

a fer , tomar por officio oppôr-se ás paixões mais injustas , quando outros podem fazer esta opposição com mais fruto. He visível que este ardor nasce de huma especie de malignidade , que gosta de incommodar. Elle apparece tanto nas reprehensões justas , como nas injustas , e a malignidade facilmente acha pretextos justos para oppôr-se aos outros , persuadida de que se os que elle faz intristecer padecem maior tristeza , he porque mais a tem merecido.

Esta mesma regra nos obriga a seguir os caminhos menos picantes e mais doces , quando somos obrigados a fazer alguma acção desagradavel ao proximo. Não nos pareça que para fazella sem defeito , basta termos razão na realidade , sem que seja preciso attender ao modo , com que ella pede ser feita. Devemos empregar algum cuidado em diminuir a sua amargura , e persuadir áquelles , cujas paixões combatemos , que por necessidade e não por inclinação as impugnamos.

CAPITULO XIII.

Como deve cada hum portar-se a respeito das paixões indifferentes, e das justas dos outros.

CHamo paixões indifferentes aquellas, cujos objectos, não sendo máos de si mesmos, podem amar-se sem paixão e com razão, posto que talvez se amem com hum apego vicioso. Nesta materia podemos com mais liberdade seguir as inclinações dos outros, porque não somos seus juizes, e he necessaria huma inteira evidencia, para justamente julgarmos que elles tem demaziado apego a estes objectos por outra parte innocentes. Não sabemos se estes apegos lhes não são necessarios. Muitas pessoas ha que cahirão em estados perigosos, se as separassem de repente de todas as cousas, a que tem apego. Demais, estas castas de apegos devem destruir-se com circumspecção e prudencia; e não devemos arrogar a nós o direito de julgar do modo, com que neste ponto deve

cada hum portar-se. Em fim, he muitas vezes para temer, que lhes façamos mais mal pela irritação que lhes causaremos, oppondo-nos indiscretamente a estas paixões chamadas innocentes, do que o bem que intentamos procurar-lhes por meio dos conselhos que lhes dermos.

Póde haver pois indiscrição em falar fortemente contra o excesso do azeio na presença das pessoas, que lhe tem apego; contra a inutilidade das pinturas diante de quem as ama; contra os versos e a Poezia á vista dos que se dão a estas cousas. Taes advertencias são especies de remedios. Tem sua amargura, seu desagrado e seu perigo. He necessario pois dallos com as mesmas precauções, com que os Medicos dão os seus. He obrar como Medico ignorante propollos a todo o mundo sem discernimento.

Para cada hum accommodar-se ás opiniões dos outros, ainda quando ha suspeita de que elles tem apego, basta não ver claramente ser util fazer-lhes opposição. São necessarias sciencia

cia e industria para emprender curallos ; mas a falta de hum destes dous requisitos he bastante , para que se accomode aos seus defejos naquellas coufas , que não são más de si mesmas. Neste caso deve regular as suas acções pela lei geral da caridade , que nos manda estar dispostos a servir a todo o mundo. Como nesta condescendencia se encontra sempre a utilidade de ganhar a sua afeição , pelo testemunho de amor que nisto lhes damos ; para que della nos privemos , he necessario que haja outra conveniencia maior e mais clara.

Eu chamo paixões justas aquellas, em que por algumas leis somos obrigados a seguir os outros , ainda que talvez não seja justo que elles esperem de nós este obsequio. Como nós somos mais obrigados a satisfazer as nossas obrigações , que a emendar os seus defeitos , quer a razão que cumpramos com simplicidade o que lhes devemos , e que lhes tiremos todo o motivo de queixa , sem examinarmos se elles pedem de nós esta condescen-

den-

dencia com muito imperio , ou com muita efficacia.

Para comprehender a extensão destas obrigações , he necessario advertir que ha cousas que devemos aos homens , segundo certas leis de justiça , que se chamão propriamente leis ; e outras que lhes devemos , segundo simples leis de decencia , cuja obrigação nasce do consentimento dos homens , que hão ajustado entre si censurar aquelles , que as transgredirem. Deste ultimo modo he que devemos áquelles , com que tratamos , as civilidades estabelecidas entre as pessoas de bem , posto que não sejam reguladas por leis expressas : que lhes devemos certos serviços , segundo o gráo de amizade que temos com elles : que lhes devemos huma correspondencia de abertura e confiança , á proporção daquella que nos mostrão , porque os homens tem estabelecido estas leis. Ha certas cousas , que devem fazer-se por aquelles , com que se tem hum certo gráo de familiaridade , que se podem negar a outros ,

fem que elles tenham direito de o estranhar.

He necessario ser exacto em todas estas obrigações; de outra sorte he impossivel evitar as queixas, as murmuraciones e a aversão dos homens. Não he crível quanto se offendem aquelles, que tem pouca virtude, quando se lhes falta ás obrigações do reconhecimento e da civilidade estabelecidas no mundo, como tambem o quanto estas faltas esfrião a pouca caridade que elles tem. Isto são objectos, que os perturbão, que sempre os irritão, e que destroem a edificação que poderiam receber do bem, que em nós observão; porque estes defeitos, que os offendem em particular, lhes são infinitamente mais sensiveis que as virtudes que não vem.

C A P I T U L O XIV.

A lei eterna obriga-nos a ser agradecidos.

A Caridade obrigando-nos a compadecermos da fraqueza do nosso proximo e a não dar-lhe moti-

vo de tentação , obriga-nos tambem a cumprir cuidadosamente as obrigações referidas. Mas não só a caridade , tambem a justiça e a lei eterna as prescrevem , como he facil mostrar , tanto a respeito dos finaes de agradecimento , como a respeito das obrigações de civilidade , á qual podem reduzir-se as outras , de que fallamos , como a abertura , a confiança e a applicação , que são especies de civilidade.

A fonte de todo o agradecimento , que devemos aos homens , he que como Deos se serve do seu ministerio , para conferir-nos diversos bens da alma e do corpo , quer tambem que o nosso agradecimento suba a elle pelos homens , e abrace os instrumentos , de que o Senhor se serve. Como elle se occulta nos seus beneficios , e quer que os homens sejam as suas causas visiveis , quer tambem que elles recebam exteriormente de nós os effeitos do reconhecimento que lhes devemos. He pois transgredir a ordem de Deos , querer ser a elle só agradecido , e não sello áqu

para communicar-nos os effeitos da sua bondade.

Se os homens por hum movimento de interesse olhão attentos para os que lhes vivem obrigados, Deos tambem os olha, segundo a Escritura; mas por huma justiça toda pura e toda desinteressada. Isto he o que diz o Sabio nestas palavras: *Deos he inspector daquelle que agradece.* (1) Convem que nos sirvamos desta dobrada attenção, para que excitemos a nossa, e tenhamos os olhos fitos assim sobre os homens, que esperão de nós a observancia destas obrigações, como sobre Deos, que nos ordena cumprillas.

Não pertendamos eximir-nos dellas, tomando por pretexto o desinteresse e a piedade daquelles a que fomos obrigados, persuadidos de que nada esperão de nós. Por mais desinteressados que sejam, não deixão de lembrar-se do que lhes he devido; e he raro que não cheguem a conceber algum sentimento, vendo em nós pouca

(1) *Deus inspector est ejus, qui reddit gratiam.*
Ecli. 3. 34.

ca applicação a cumprir o que lhes devemos. Se nos não reprehendem, he muito facil que tomem hum certo modo, que causa com pouca differença o mesmo effeito que o sentimento humano. Dizem que não podem deixar de ver que obramos mal; mas que ao mesmo tempo nos dispensão de boa vontade de nos confessarmos agradecidos. Dispensando-nos assim, não deixão de censurar o nosso procedimento, e deste modo vem insensivelmente a amar-nos menos, e por fim a dar-nos menos sinaes de affecto.

O mesmo dizemos das obrigações da civilidade. As pessoas, que menos caso fazem della, não deixão de reparar, quando se lhes falta com a cortezia; e outras mostram-se effectivamente offendidas. Quem não está persuadido pelos sentidos de que he amado e respeitado, he difficuloso que o esteja no coração, ou que o esteja vivamente. A civilidade he que faz este effeito sobre os sentidos, e pelos sentidos sobre o espirito. A sua falta produz nos outros hum frio, que pas-
sa

fa muitas vezes dos sentidos ao coração.

C A P I T U L O XV.

Razões fundamentaes da obrigação da civilidade.

OS homens crem que lhes he devida a civilidade, e que lhes he devida com effeito, segundo ella se pratica no mundo; mas não sabem a razão disto. Se elles não tivessem outro direito para a pedir, senão aquelle que lhes dá o costume, não lhes fería devida; porque não basta isto para sujeitar os outros a certas acções penosas. Para achar a sua origem, he necessario subir mais alto, assim como foi necessario para descubrir a do agradecimento. Se he verdade, como diz hum homem de Deos, que nada ha tão civil como o bom Christão, he necessario que hajão razões divinas, que a isso o obriguem. O que vamos dizer póde ajudar a descubri-las.

Consideremos para isto que os homens

mens estão ligados entre si por huma infinidade de necessidades, que os obrigão necessariamente a viver em Sociedade, não podendo cada hum em particular viver independente dos outros. Esta Sociedade he conforme a ordem de Deos, que permite estas necessidades para este fim. Tudo o que he necessario para conservalla pertence a esta ordem, e Deos o manda de alguma sorte por aquella Lei natural, que obriga cada parte á conservação do seu todo. Para que a Sociedade dos homens subsista, he absolutamente necessario que se amem e respeitem huns aos outros; porque o desprezo e o odio são causas certas da defunião. Ha huma infinidade de cousas pequenas muito necessarias á vida, que se dão de graça, e que não entrando em commercio, não podem comprar-se senão pelo amor. Demais, esta Sociedade compoñdo-se de homens amantes de si mesmos, e cheios da sua propria estimação, se elles não cuidão em contentar-se e tratar-se reciprocamente, não será mais que huma tropa de pessoas def-

descontentes umas das outras , que não poderão viver unidas. Mas como o amor e a estimação , que temos para os outros , não são cousas que se vejam , hão acordado entre si estabelecer certas obrigações , que sirvão de testemunhos do respeito e afeição. Daqui segue-se necessariamente que faltar a estas obrigações , he mostrar huma disposição contraria ao amor e respeito. Assim nós devemos estas acções exteriores áquelles , a quem devemos as disposições que ellas representam , e fazemos-lhes injuria , se lhes faltamos com ellas ; porque esta omissão denota sentimentos , que não devemos ter a seu respeito.

Póde e deve pois cada hum ser exacto nas obrigações de civilidade , que os homens tem estabelecido. Os motivos desta exacção são não só justissimos , mas ainda fundados na Lei de Deos. Deve polla , para que evite dar a idéa de que despreza , ou trata com indifferença aquelles , com que não tiver civilidade ; para que fomente a Sociedade humana , á qual he justo que

cada hum contribua , pois que cada hum tira disto utilidades muito consideraveis ; e em fim para que escape ás censuras interiores daquelles , com que não se porta civilmente , cujas censuras são as fontes das divisões , que perturbão o socego da vida e a paz christã , que he o objecto deste discurso.



A R T E
DE VIVER EM PAZ
COM OS HOMENS.

P A R T E II.

C A P I T U L O I.

Não he necessario que cada hum estabeleça a sua paz sobre a correcção dos outros. Utilidade da suppresão das queixas. Ellas de ordinario fazem mais mal do que bem.

PARA conservar a paz com os homens não basta fugir de offendellos, he necessario ainda saber soffrer-lhes as faltas, que commetterem a nosso respeito. He impossivel que conservemos a paz interior, se formos muito sensiveis a tudo, o que elles podem fazer e dizer opposto ás nossas inclinações e aos nossos sentimentos; e he ainda difficuloso que então o def-

desgosto interior , que tivermos concebido , não passe ao exterior , e não nos disponha a obrar para com os que nos tiverem offendido , de hum modo capaz de offendellos tambem : o que augmenta pouco a pouco as differenças , e as faz ir muitas vezes ás extremidades.

He necessario pois procurar reprimir as divisões e as queréllas no seu mesmo nascimento. O amor proprio já mais não deixa de inspirar-nos neste caso , que o meio de o fazer , sería corrigir aquelles , que nos incommodão , e fazellos racionaes , obrigando-os a conhecer que obrão mal conosco. Isto he o que tanto nos incita a queixar-nos do seu procedimento , e a notar os seus defeitos , ou para corrigir o que nelles nos desagrada , ou para os castigar pela colera , que as nossas queixas podem causar-lhes , e pela infamia que dellas lhes resulta. Se nos conduziffemos verdadeiramente pela razão , facilmente veriamos que o designio de estabelecer a paz sobre a refórma dos outros he ridiculo , por
 ser

fer infructuosa a sua execução. Quanto mais nos queixarmos do seu procedimento, tanto mais os irritamos contra nós. Passaremos por melindrosos, altivos, soberbos, e o peor he que este conceito não será injusto; pois que na realidade as nossas queixas não procedem senão do nosso melindre e da nossa soberba. Aquelles mesmos, que mostrarem approvar as nossas razões, e crerem que se nos fez alguma injustiça, não deixarão de se escandalizar da nossa sensibilidade. Como os homens são naturalmente inclinados a justificarem-se, se aquelles de que nos queixarmos tem huma pouca de sagacidade, voltarão as cousas de modo que fiquemos mal. Muitas vezes o mesmo defeito de rectidão e equidade, que faz commetter as faltas, de que nos queixamos, impede reconhecellas, e faz ter por verdadeiro e justo tudo o que póde servir á sua justificação.

Se aquelles, de que nos queixamos, são superiores a nós em graduação, crença e authoridade, as nossas queixas

xas serão ainda mais inúteis e perigosas. Ellas não podem dar-nos senão a satisfação maligna e passageira de os fazer condemnar por aquelles, a quem nos queixarmos; mas produzem ao depois effeitos máos, duraveis e permanentes, irritando contra nós aquellas pessoas, e rompendo toda a união, que poderíamos ter com ellas.

A prudencia obriga-nos pois a seguir hum caminho todo contrario. Obriga-nos a deixar absolutamente o desígnio chimerico de corrigir nos outros tudo o que nelles nos desagrada; e a estabelecer a nossa paz e o nosso repouso sobre a nossa propria refórma e sobre a moderação das nossas paixões. Nem o espirito, nem a lingua dos homens está á nossa disposição. Não seremos reponsaveis das suas acções, senão tanto quanto dermos occasião a ellas; mas seremos dos nossos pensamentos, palavras e obras. Estamos encarregados de trabalhar sobre nós mesmos e de corrigir os nossos defeitos. Se fizermos isto, como he devido, nada do que vier
do

do exterior ferá capaz de perturbar-nos.

Em os negocios temporaes nunca preferimos hum bem incerto , pertencente ao proximo , a hum bem certo pertencente a nós. Se nos negocios da salvação fizessemos o mesmo , de repente conheceriamos que o partido das queixas he de ordinario falso , e que a razão o condemna. Não nos queixando , aproveitamos certamente a nós mesmos ; e queixando-nos , he muito incerto que aproveitemos ao proximo. Por que motivo pois nos privamos do bem da paciencia debaixo do pretexto de procurar-lhe o bem da correção ? Seria ao menos necessario que houvesse huma grande probabilidade de o conseguir , e sempre he ir contra a verdadeira razão renunciar sobre huma esperança tão incerta a hum bem certo , que nos confere o humilde e pacifico soffrimento.

Póde dizer-se em geral a respeito do silencio , que sendo necessarias razões para fallar , não são necessarias para calar ; isto he , para ser obriga-
do

do ao silencio , basta não ter empenho de fallar. Mas esta maxima póde applicar-se com mais razão ao silencio que suffoca as queixas. Para que alguem se queixe , são-lhe necessarias razões fortissimas e evidentissimas ; mas para que se não queixe , basta não estar em huma precisão evidente de queixar-se.

Que dividas perdoariamos aos nossos irmãos , se lhes pedissemos por nossas queixas tudo o que nos podem dever , e se nos vingallemos das menores faltas , que commettem contra nós , fazendo-os condemnar por quantas pessoas podemos ? Com que confiança pediremos a Deos , que nos perdoe as nossas culpas , não perdoando offensa alguma das que cremos ser feitas contra nós ?

Pelo contrario nada ha mais util , que supprimirmos deste modo as nossas queixas e o nosso resentimento. Este he o melhor meio de alcançar de Deos , que nós não trate segundo o rigor da sua justiça , e que não entre , como diz a Escritura , em juizo con-

nos-

nosco. Este he o caminho mais seguro de affogar as discordias á nascença, e impedir que se azedem. He caridade que pratica consigo mesmo quem procura o bem da paciencia; pois não adquire a fama de melindroso e de homem de pontinhos; poupa a afflicção, que deve sentir, quando a sagacidade dos homens em justificar-se, faz que se nos levem a mal claramente aquellas cousas, em que julgamos ter razão. He caridade que fazemos ao proximo, soffrendo-o na sua fraqueza, e poupando-lhe assim a pequena confusão, que mereceo, como as novas faltas, que talvez commetterá, justificando-se e offendendo-nos de novo, e depois de nos ter dado motivo de nos queixarmos. Em fim, o melhor meio de o ganhar he o exemplo da nossa paciencia, porque he muito mais capaz que as nossas queixas de mudar-lhe o coração para conosco. As queixas não podem corrigir, senão quando muito, o exterior, o que he cousa de pouca consideração, e pela maior parte augmentão o aborrecimento in-

terior , que ha produzido as cousas , de que nos queixamos.

Que perdemos nós , não nos queixando ? Nada absolutamente. Eu fallo ainda por ordem a este mundo. Percebido que seja o nosso commedimento , a murmuração será menor. O mal não irá em augmento. Amar-nos-hão mais. Tudo se reduzirá a algumas incivilidades , e a alguns discursos injustos , que não remediaremos , queixando-nos. A maligna satisfação que sentimos , communicando as nossas queixas , vale por ventura a perda do thesouro , que podemos adquirir pela humildade e pela paciencia ?

O tempo mais proprio para nos confirmarmos nisto , e resolvermo-nos a seguillo , he quando nos escapão algumas queixas ; porque só então conhecemos melhor a vaidade e o nada do prazer , que nellas procuramos. Então he que nos vemos na visível necessidade de dizer a nós mesmos : Por esta vã satisfação he que nos privamos do bem inestimavel da paciencia e da recompensa , que podiamos espe-

rar de Deos? De que nos tem servido as nossas queixas, e que lucrámos nós com ellas? Procurámos fazer condemnar pelos homens aquelles, de que nos queixámos, e talvez nos tenham elles condemnado. O certo he que Deos nos ha condemnado de malignos, impacientes e pouco amantes dos bens do Ceo. Antes das nossas queixas alguma vantagem tinhamos sobre os que nos offendêrão; mas depois dellas ficámos inferiores a elles. Por este motivo podemos crer, que a falta que commetemos contra Deos, queixando-nos, he maior que todas as que os homens podem fazer contra nós. Assim mais mal fizemos a nós por nossas queixas, do que os homens nos causarão por suas pequenas injustiças. Estas não podião privar-nos senão de cousas pouco consideraveis, ao mesmo tempo que a injustiça, que fazemos a nós mesmos pelas nossas impacientes queixas, nos privão do bem eterno annexo a cada acção boa. Nós temos pois infinitamente mais razão para queixar-nos de nós mesmos que dos outros.

Ef-

Estas considerações podem servir muito para abater a inclinação que sentimos a buscar o allivio do nosso coração por queixas, e para regular exteriormente as nossas palavras. Mas não he possível que nos conservemos muito tempo neste silencio, se deixarmos obrar em toda a sua força e violencia o nosso interno resentimento. As queixas externas vem das internas, e he mui difficil não romper naquellas, quando o coração está cheio destas. Ellas escapão sempre, fazendo aberta por qualquer parte. Além do que, sendo o principal fim da moderação externa procurar-nos a paz interna, de pouco serviria parecer externamente moderado e paciente, se no interior tudo estivesse em desordem e tumulto. He necessario pois suffocar as queixas que a alma fórma em si mesma, e de que ella he a unica testemunha, do mesmo modo que aquellas que se fórmão diante dos homens. O unico meio de fazer isto he cada hum perder o amor ás cousas que as excitão. Em fim, ninguem se queixa de cousas absolutamente indifferentes.

As materias das queixas são infinitas; pois comprehendem tudo o que podemos amar, e tudo em que os homens nos podem ser nocivos e desgraçaveis. Podem com tudo reduzir-se a algumas classes geraes, como o desprezo, os juizos injustos, as murmurações, a aversão, a incivildade, a indifferença ou a inapplicação, a reserva ou a falta de confiança, a ingratição, os humores incommodos.

Nós aborrecemos naturalmente todas estas cousas, porque amamos as que lhes são contrarias; a saber, a estimação e o amor dos homens, a civildade e a applicação ao que nos diz respeito, a confiança, o reconhecimento, os humores doces e commodos. Assim para nos livrarmos da impressão, que fazem sobre o nosso espirito aquelles objectos do odio, he necessario trabalhar por livrar-nos do apego, que temos aos objectos contrarios. Só a graça he que o póde fazer. Mas como ella se ferve dos meios humanos, não he inutil encher o espirito das considerações, que nos def-

co-

cobrem a vaidade destes objectos do nosso apego. Isto he o que pretendemos nas reflexões seguintes, que faremos sobre as causas ordinarias das nossas queixas, começando pelo amor da estimação e approvação dos homens.

C A P I T U L O II.

Vaidade e injustiça da complacencia que concebemos por occasião dos juizos vantajosos, que se formão em nosso abono.

Nada mostra mais quanto o homem está profundamente submergido na vaidade, na injustiça e no erro, que a complacencia que sentimos, quando sabemos que julgão de nós vantajosamente, e que nos estimão. Por huma parte a luz que temos, sendo cega, não o he neste caso. Ella nos convence claramente que esta paixão he vã, injusta e ridicula; e por outra, estando nós convencidos disto, não sabemos suffocalla; mas sempre a sentimos viva no intimo do nosso coração.

He

He bom com tudo ouvir muitas vezes o que a razão nos diz sobre esta materia; porque se isso não for capaz de extinguir inteiramente esta infeliz inclinação, ao menos será bastante para mostrar-nos a sua ignominia e confusão, e para diminuir os seus effeitos.

Poucas pessoas ha tão grosseiramente vans, que amem louvores visivelmente falsos. Basta possuir huma pouca de honestidade, para que facilmente se não padeça inteiro engano sobre este ponto. He loucura, por exemplo, de que poucas pessoas são capazes, amar ser tido por sabio em huma lingua, que nunca aprendeo, ou por habil nas Mathematicas, quando dellas nada sabe. Padeceria repugnancia para não sentir alguma confusão interior, concebendo huma vaidade tão baixa. Mas por pouco fundamento que tenha esta estimação, nós a recebemos com huma complacencia, que nos convence pouco mais ou menos da mesma baixeza e do mesmo máo conceito. Para dar disto alguma imagem, perguntemos: Que se diria de hum homem, que

que padecendo hum mal horrivel e incuravel, que o desfigura desde os pés até a cabeça, que nada tem são, menos huma pequena parte da cara, sem saber ainda se esta parte não está internamente corrupta, a expuzesse á vista de todos, occultando tudo o mais, e ouvisse com prazer louvar a formosura desta parte? Diria-se sem dúvida que o excesso desta vaidade chegava a loucura. Com tudo, isto não he senão hum retrato da nossa, e retrato, que não a representa ainda em toda a sua fealdade. Nós estamos cheios de defeitos, de peccados, de corrupções. De bom pouco temos, e esse pouco muitas vezes viciado e corrupto por mil influencias do amor proprio. Succede com tudo que os que não vem a maior parte dos nossos defeitos, olhem com alguma estimação esse pequeno bem, que em nós apparece, e que talvez está todo corrupto. Este juizo sendo cego e mal fundado, como he, não deixa de agradar-nos.

Disse que esta imagem não representava a nossa vaidade em toda a sua feal-

fealdade; porque aquelle, que achando-se ferido de hum mal tão estranho, se agradasse da estimação, que se fizesse da formosura da parte sã, sem dúvida seria vão e ridiculo; mas ao menos não seria cego, nem deixaria de conhecer o seu estado. Mas a nossa vaidade anda junta á cegueira. Nós occultando aos outros os nossos defeitos, procuramos occultallos a nós mesmos, e isto he o que melhor conseguimos. Não queremos ser vistos, senão por este pequeno lugar, que consideramos sem defeito, e por esse mesmo só he que tambem olhamos para nós.

Que he pois esta estimação que nos agrada? Hum juizo fundado sobre a vista de huma pequena parte de nós mesmos, e sobre a ignorancia de tudo o mais. E que he esta complacencia? Huma vista de nós mesmos cheia de cegueira, erro e illusão, na qual não nos consideramos senão por huma pequena parte, esquecendo-nos de todas as nossas miserias e de todas as nossas chagas.

Mas que ha nestes juizos, que nos
fe-

seja tão agradável ; e tão digno do nosso apego? Perguntemo-lo a nós mesmos, ou antes á nossa experiencia. Ella nos dirá que nenhuma cousa ha mais vã, nem menos duravel que esta estimação. Aquelle, que huma vez nos fizer elogios, não estará n'outra menos disposto a censurar-nos. Muitas vezes a mesma estimação será causa disso, porque ella mais excita a inveja, do que a afeição. Os homens, depois de nos darem alguns louvores vãos e estercis, não duvidaráõ preferir-nos aquelles, que mais conta fazem aos seus interesses, ainda que elles nos sejam muito inferiores no merecimento. Elles inficionaráõ os testemunhos, que não puderem negar ao que temos de bom, com a marca maligna dos nossos defeitos. Estimaráõ em nós o que he menos estimavel, e condemnaráõ o que em nós merece ser estimado. Na verdade, para nos agradarmos de hum objecto tão vão e tão desprezivel, não he necessario termos huma extrema baixeza de coração, ou huma pequenez de espirito bem rara?

Supponhamos ainda a estimação mais judiciosa, e mais sincera que podemos conceber, e que a nossa vaidade póde desejar; realcemo-la pela qualidade e espirito das pessoas, que nos estimão, e por tudo aquillo que melhor puder favorecer a inclinação que lhe temos; a não consideralla senão em si mesma, que ha em tudo isto de amavel e de solido? Ella he huma vista lançada sobre nós por aquellas pessoas, que nos suppõem dotados de algum bem; mas vista, que nem dá, nem acrescenta cousa alguma a esse bem. Deixa-nos taes como somos; e assim para nós he cousa inteiramente inutil. Ella não subsiste senão em quanto essas pessoas se applicão a nós; e esta applicação he rara. Desses mesmos, cuja estimação nos lisongea, haverá tal, que não pense em nós duas vezes no anno; e quando pense, pensará pouco, e todo o mais tempo jazeremos no feu esquecimento.

Demais, esta vista de estimação he hum bem tão fragil, que mil occasiões a podem fazer perder sem culpa nossa.

fa. Huma noticia falsa , huma inadvertencia , hum pequeno capricho apagará toda esta estimação , ou a fará mais nociva que util ; porque quando a estimação se ajunta á aversão , não faz mais que abrir os olhos para notar os defeitos , e o coração para receber favoravelmente tudo o que se ouve dizer contra os que se estimão e aborrecem , porque até se aborrece o que se estima ; e tem-se por cousa gostosa livrar-se dessa cousa como de hum pezo , de que se está carregado.

Senão vemos no espirito dos outros esta vista de estimação , ella he para nós como senão fora. Se a vemos , he para nós hum objecto perigoso , cuja vista nos póde roubar a pouca virtude que temos. Que bem he pois aquelle que de nada serve , quando se não vê , e que he nocivo , quando se vê , e que ao mesmo tempo tem todas estas qualidades , vão , inutil , fragil , perigoso?

CAPITULO III.

Não temos direito para offender-nos do desprezo, nem dos juizos feitos em nosso desabono.

SEnão amassemos a approvação dos homens, seriamos menos sensiveis a todos os discursos, que elles fizessem em nosso desabono; porque o seu effeito consistiria, quando muito, na privação de huma cousa para nós indifferente. Mas como ha quem imagine, que ainda que não seja licito de-sejar a estimação, ha com tudo motivo para offender-se do desprezo e da murmuração, convem examinar o que ha de real nestes objectos, que tão grandemente irritão as nossas paixões.

Para conhecermos pois quanto o nosso melindre he injusto neste ponto, e que todas as afflicções por elle excitadas em nós são contrarias á verdadeira razão, e que não nascem tanto dos mesmos objectos, como da malignidade do nosso coração, basta considerar que estes juizos e discursos, que

nos

nos offendem, podem ser de tres generos, ou absolutamente verdadeiros, ou absolutamente falsos, ou verdadeiros em parte e em parte falsos. De qualquer modo que sejam, o desgosto que concebemos por occasião delles, he igualmente injusto.

Se são verdadeiros, não he cousa horrivel ver sem afflicção que Deos conhece os nossos defeitos, e que não possamos soffrer que sejam conhecidos dos homens? Póde dar-se argumento que prove mais visivelmente que preferimos os homens a Deos? Não he o maior excesso de injustiça reconhecer que os nossos peccados merecem huma eternidade de penas, e não aceitar com alegria huma pena tão leve, como a pequena confusão que elles nos merecem diante dos homens?

O conhecimento que os homens tem das nossas faltas e miserias, não as augmenta; antes pelo contrario seria capaz de diminuillas, se o soffressemos com humildade.

He pois loucura claramente visivel não sentir de modo algum os males
reaes,

reaes, que fazemos a nós mesmos, e sentir tão vivamente males imaginarios, que ió podem fazer-nos bem. Esta sensibilidade não he mais que huma prova evidente da nossa cegueira, que deve ensinar-nos que o que os outros conhecem dos nossos defeitos, não he mais que huma bem pequena parte delles.

Se os juizos e discursos são falsos e mal fundados; o desgosto que então concebemos, não he menos irracional, nem menos injusto. O juizo de Deos, que nos justifica, (1) não basta para fazer-nos desprezar o dos homens? Porque não faz elle sobre nós o mesmo effeito, que sobre nós faz a approvação dos nossos amigos e daquelles que estimamos, a qual de ordinario he sufficiente para consolar-nos, do que os outros podem pensar ou dizer contra nós? Porque causa mostrando-nos a razão que estes discursos não podem fazer-nos mal, e que por si mesmos nenhuma fazem á nossa alma, ou ao nosso corpo, mas que antes podem fer-

nos

(1) Rom. 8. 33.

nos utilíssimos, tem tão pouco poder sobre o nosso coração, que não possa fazer-nos triunfar de huma paixão tão vã e tão irracional?

Nós vivendo na certeza de que não temos febre, não nos encolerizamos, quando se julga que a temos. Para que nos irritamos pois contra os que nos crem réos de faltas por nós não commettidas, ou que nos attribuem defeitos, em que não cahimos? Este juizo he menos capaz de constituir-nos culpados dessas faltas e defeitos, do que de causar-nos effectivamente febre o pensamento de hum homem persuadido de que a padecemos.

Dirá talvez alguém: Quem padece febre, não he desprezado. A febre não he mal que nos faça vis nos olhos do mundo. Assim o juizo daquelles que no-la attribuem, não nos offende; mas aquelles que nos imputão defeitos espirituaes, são de ordinario nossos desprezadores, e causão a mesma idéa, e o mesmo movimento nos outros.

Eis-aqui com effeito a verdadeira causa da nossa colera; mas ella não faz

faz senão que conheçamos melhor a sua injustiça. Se fizéssemos justiça a nós mesmos, reconheceríamos facilmente que os que nos attribuem defeitos que não temos, também nos não attribuem hum grande número dos que na realidade temos; e que assim ganhamos a todos estes juizos, de que nos queixamos, por mais falsos que elles se-
 jão. Os juizos dos homens nos serião infinitamente menos favoraveis, se inteiramente fossem conformes á verdade; e se os que os fazem, conhecessem todos os nossos verdadeiros males. Se nos fazem pois alguma pequena injustiça, de mil modos nos fazem graça. Por cousa nenhuma quereríamos que nos tratassem com exacta justiça.

Mas fomos tão defarrazoados e tão injustos, que queremos tirar proveito da ignorancia dos homens. Não podemos soffrer que nos tirem cousa alguma que julgamos possuir, e queremos conservar no seu espirito a reputação de muitas boas qualidades que não possuímos. Queixamo-nos de que
 jul-

julguem ver em nós defeitos que não ha, e não avaliamos por cousa alguma o não verem em nós hum número infinito de defeitos que temos na realidade; como se o bem e o mal não consistissem senão na opinião dos homens.

Senão temos pois motivo algum para queixar-nos dos juizos verdadeiros, nem ainda dos falsos; por consequencia não o temos para offender-nos dos que são verdadeiros em parte, e em parte falsos. Com tudo pela mais injusta partilha que póde imaginar-se, offendemo-nos do que elles tem de falso, e não nos humilhamos á vista do que elles tem de verdadeiro. E em lugar de suffocarmos, como era necessario, a colera, que sentimos pelo que elles tem de falso e injusto, com aquella que deveriamos ter pelo que elles tem de verdadeiro, suffocamos pelo contrario com o vão sentimento, que nos causa alguma falsidade e injustiça, que nelles se mistura, aquelle que deveriamos ter á vista do que elles tem de real e de solido.

CAPITULO IV.

A sensibilidade, que experimentamos a respeito dos discursos e juizos feitos em nosso desabono, vem do esquecimento dos nossos males. Apon-tão-se alguns remedios para este esquecimento e para esta sensibilidade.

EU não pertendo que estas considerações bastem para corrigir-nos da nossa injustiça; mas podem ao menos convencer-nos della; e esta convicção he alguma cousa. Em todas estas queixas interiores, e nesta colera, que sentimos por causa dos juizos e discursos, que se fazem de nós, ha sempre hum esquecimento dos nossos defeitos e das nossas misérias verdadeiras; pois he impossivel que os que as conhecerem na sua verdadeira grandeza, e tiverem dellas o devido sentimento, possam occupar-se dos discursos e juizos dos homens. Hum homem carregado de dividas; opprimido de demandas, de pobreza, de enfermidades não pensa no que delle póde dizer-se. A rea-
li-

lidade dos seus males verdadeiros não lhe permite applicar-se a males imaginarios.

O verdadeiro remedio deste melindre, que nos faz tão sensiveis ao que se diz de nós, he applicarmo-nos fortemente aos nossos males espirituaes, ás nossas fragilidades, aos nossos perigos, á nossa pobreza, e ao juizo que Deos faz de nós, e que nos fará conhecer na hora da nossa morte. Se estes pensamentos estivessem tão vivos, e fossem tão contínuos em o nosso espirito, como deverião ser, difficulatamente entrarião nelle as reflexões sobre os juizos dos homens, ou ao menos não o occuparião inteiramente, nem o encherião de colera e amargura, como fazem tantas vezes.

Para isto he util comparar os juizos dos homens com o de Deos, e considerar as suas diversas qualidades. Os juizos dos homens muitas vezes são falsos, injustos, incertos, temerarios, e sempre inconstantes, inuteis, impotentes. Ou elles nos approvem, ou nos reprovem, nenhuma mudança causão

em nós , e na realidade nem nos fazem mais felices , nem mais infelices. Do juizo que Deos fizer de nós , he que depende todo o nosso bem , ou todo o nosso mal. Este juizo he sempre justo , sempre verdadeiro , sempre certo e immudavel , os seus effeitos são eternos. Que loucura maior póde imaginar-se , que não applicarmos o nosso espirito senão aos juizos humanos , que tão pouco nos importão , e esquecermo-nos do juizo de Deos , do qual depende toda a nossa felicidade?

Muitas vezes pertendemos córar a raiva interior , que nos causão os juizos feitos em nosso defabono , com hum pretexto de justiça , imaginando que nos não offendemos delles , senão porque são injustos e feitos sem razão. Mas se isto assim fora , tambem nos sentiriamos tão tocados dos juizos injustos , que se fazem dos outros , como nos sentimos dos que se fazem de nós. Não succedendo isto assim , lisonja he não ver que o amor proprio he que produz essa raiva que sentimos nas cousas que nos pertencem. Não he a
in-

injustiça em si quem nos offende , he o seu objecto. Dê-se-lhe outro , e cessará o nosso resentimento , e nos contentaremos com reprovar em socego e sem abalo esta mesma injustiça , que tanta indignação nos causa.

Se discorreissemos mais rectamente , acharíamos que os juizos feitos em nosso desabono não se encaminhão propriamente a nós , mas que o acaso e não a eleição he que os determina a ter-nos por objecto. Os que julgão assim de nós , por algumas apparencias forão levados a fazer esses juizos. E ainda que ellas fossem muito ligeiras , pois supponmos falsos os taes juizos , he com tudo verdade que essas pessoas tinhão o espirito disposto a formallos sobre essas apparencias ; de sorte que elles não nascêrão senão do encontro das taes apparencias com a sua má disposição. Ellas produzirião o mesmo effeito , se fossem vistas n' outro qualquer. Assim não devemos crer , que esses juizos se dirigem a nós particularmente. Devemos só suppôr que essas gentes estavão dispostas a julgar mal

mal de toda a pessoa, em que vissem taes ou taes apparencias. O acaso quiz que as vissem em nós. Mas esta má disposição e esta ligeireza de espirito, que produzem os juizos temerarios, não crão de si menos indifferentes que huma pedra lançada ao ar, que fere aquelle sobre que cahe, não por escolha, e porque he hum tal homem; mas porque elle se encontrou no lugar, em que ella devia cair.

Ha mais huma ridicula extravagancia na colera, que concebemos por causa dos juizos e discursos feitos em nosso defabono. Pouco conhecimento tem do mundo quem não está persuadido ser impossivel não se fazerem. Murmura-se dos Principes nas suas antecamaras. Seus domesticos os arremedão. Os amigos fallão dos defeitos dos seus amigos, e fazem huma especie de honra reconhecellos de boa fé. Ha occasiões, em que isto póde fazer-se innocentemente. Seja o que for, o certo he que o mundo está na posse de fallar livremente dos defeitos dos outros na sua ausencia. Huns o fazem por

por malignidade , outros sinceramente ; mas ha poucos que o não fação. He pois cousa ridicula pertender alguem ser unico no mundo , de que se não falle. Se estes juizos e discursos nos motivão colera , nunca deveremos estar sem ella. Não ha tempo , em que não devamos estar certos em geral , ou que se falla ou que se fallou de nós de hum modo , que não quereríamos. Mas porque huma colera contínua nos incommodaria muito , agrada-nos pou-palla sem razão ; e para nos affligirmos , esperamos que se nos conte o que se diz de nós , e quem o diz. Com tudo esta noticia quasi nada accrescenta , porque antes que no-la dessem , deviamos estar seguros que se fallava de nós e dos nossos defeitos , como se já disso estivessemos sabedores. O pequeno gráo de segurança , que nos dá a tal noticia , he cousa bem pouca para mudar , como muda , o estado da nossa alma.

Assim de qualquer modo que se considere esta sensibilidade , que experimentamos nestas occasiões , achar-se-ha

ha que ella he sempre ridicula e contraria á razão.

C A P I T U L O V.

He cousa injusta querer ser amado dos homens.

QUando desejamos ser amados dos homens, e temos a desconfortação de ser delles aborrecidos por causa de que isto serve ou he nocivo aos nossos designios, então não nos domina propriamente a vaidade, nem a cohera, mas sim o interesse bom ou máo, justo ou injusto. Nós não consideramos aqui este interesse. Examinamos sómente a impressão que por si mesmos fazem sobre os nossos corações os sentimentos do amor ou do odio, que se nos tem. A vista só destes objectos he com effeito capaz de agradar-nos ou perturbar-nos, sem que consideremos as suas consequencias. Como a estimação, que temos para nós mesmos, anda unida a hum amor terno e sensível, não desejamos só que

os homens nos louvem , queremos tambem que nos amem. A sua estimação de nenhum modo nos fatisfaz , se a affeição lhe não ferve de termo. Por este motivo nada nos offende tanto , nem excita em nós mais vivos resentimentos , como a aversão. Mas ainda que elles nos sejam naturaes depois do peccado , não deixão por isso de ser injustos , nem fomos menos obrigados a combatellos ; o que póde fazer-se por meio das reflexões pouco differentes das que propuzemos contra o amor da estimação.

Buscar com empenho o amor dos homens he acção injusta , porque se funda sobre hum juizo proprio , no qual nos reconhecemos amaveis ; e não fello , he para nós coufa falsa. Esta acção nasce da cegueira e da voluntaria ignorancia dos nossos defeitos. Hum homem opprimido de males , e reduzido ao estado de pobre , se daria por bem fatisfeito , se com elle se usasse de caridade , e o soffressem. Nada mais pertenderiamos , se conhecessemos bem o nosso estado ; e o conheceriamos ,

mos , se nos não cegássemos voluntariamente.

Quem sabe que merece ver armadas contra si todas as creaturas , póde pertender que ellas devão amallo ? Em lugar pois de considerarmos o amor dos homens como coufa , que nos he devida , e a sua aversão como huma injustiça , que nos fazem , deveríamos pelo contrario considerar a sua aversão como coufa , que se nos deve , e a sua afeição como graça , que não merecemos.

Mas se geralmente fallando he coufa injusta julgar-se digno de ser amado , he ainda maior injustiça querer sello por força. Nada ha mais livre que o amor , e não deve este conseguir-se por injurias , nem por queixas. Talvez não somos amados por nossa culpa. Talvez o não somos tambem pela má disposição dos outros. O certo he que a força e a colera não são meios , de que alguém se sirva para se fazer amar.

Não reparamos que não he propriamente sobre nós que cahc esta aversão.

são. A fonte de todas as aversões he a contrariedade que ha entre a disposição em que estamos, e o que julgamos ver nos outros. Esta disposição obra contra todos aquelles, em que se observa esta contrariedade. Quando pois succede termos com effeito as qualidades, que são o objecto da aversão de certas pessoas, ou não nos mostrarmos a ellas senão por faces, que lhes dão motivo, para que no-las attribuão, não devemos admirar-nos que a sua disposição faça contra nós o seu effeito. Ella o faria da mesma forte contra outro qualquer. Não somos nós propriamente quem elles aborrecem. Aborrecem propriamente a este homem em geral, que tem taes e taes qualidades que os offendem.

São aborrecidos em geral os avarentos, os interesseiros, os presumpçozos. Crê-se em particular que o somos. A aversão geral obra pois contra nós. Que he o que nisto nos offende? He a aversão geral. Mas ella de alguma forte he justa; porque o homem, em que se observão estes defeitos, merece

ce

ce que se lhe tenha alguma especie de aversão. He este o juizo que se faz de nós ? Mas elle he formado sobre algumas apparencias, que podem ser ligeiras na verdade, mas que não deixão de arrastar o espirito de quem as vê. Devemos pois queixar-nos da sua ligeireza e da sua fraqueza, em vez de nos queixarmos da sua injustiça.

Quando os homens nos amão, não fomos nós propriamente os amados. O seu amor vem de attribuir-nos qualidades que não possuímos, ou de não verem em nós os defeitos que temos. Obrão do mesmo modo, quando nos aborrecem. Não vendo então o que temos de bom, não olhão senão os nossos defeitos. Ora nós não somos esta pessoa sem defeitos, nem esta pessoa que nada tem de bom. Não amão elles pois ou aborrecem tanto a nós como a hum fantasma, que se hão formado. Erramos logo, assim satisfazendo-nos do seu amor, como offendendo-nos do seu odio.

Mas quando este amor, ou este odio se encaminhasssem a nós directamente
em

em o nosso ser verdadeiro , que bem ou que mal nos vem daqui , se considerarmos , como já dissemos , estes sentimentos em si mesmos? Elles não são mais que vapores passageiros , que em menos de nada se dissipão por si mesmos. Os homens são incapazes de considerar muito tempo sobre hum mesmo objecto. Quando durassem , não poderiam por si mesmos fazer-nos mais felices , nem mais infelices. São cousas inteiramente separadas de nós , e que sobre nós não tem effeito algum , menos que a nossa alma não se lhes ajunte; e que por huma imaginação falsa e enganosa não os tome por bens ou por males. Una-se o amor de todas as creaturas , e faça-se o mais terno e o mais ardente que possa imaginar-se , não accrescentará o menor grão de felicidade á nossa alma , nem ao nosso corpo. E se a nossa alma nelle se diverte , bem longe de vir a ser melhor , se fará peor pela vaidade que conceberá. Una-se do mesmo modo contra nós a aversão de todos os homens , ella não poderá diminuir o menor dos

nossos verdadeiros bens , que são os da alma. Esta unica consideração da impotencia do amor e do odio das creaturas a servir-nos ou a fer-nos nocivas , não deveria ella bastar para fazer-nos indifferentes ?

Que liberdade não sería a daquelle homem , que não fizesse caso de ser amado , que não temesse ser aborrecido , e que fizesse com tudo por outros motivos quanto he necessario para ser amado e não aborrecido ? Que servisse os outros sem delles esperar recompensa , nem ainda a da sua afeição , e que sempre fizesse o seu dever para com elles independentemente das suas disposições para com elle ? Que não se propuzesse nos officios , que lhes prestasse , senão hum objecto estavel e permanente , que he o de obedecer a Deos , sem respeito algum ás creaturas , que não podem senão diminuir a recompensa , que elle deve esperar do Senhor ?

Quem poderá aborrecer hum homem destes , e ainda deixar de amallo ? Aconteceria pois que não temendo

do o odio dos homens , o evitaria ; e que sem buscar o seu amor , não deixaria de adquirillo ; em lugar de que aquelles a quem a paixão de ser amados faz tão sensiveis a aversão , não fazem senão attrahilla por sua incommoda delicadeza.

C A P I T U L O VI.

*He cousa injusta não poder soffrer a
indifferença. A indifferença dos ou-
tros para conuoso he nos mais
util do que o seu amor.*

QUando nos offendemos de que os outros nos tratão com indifferença , commettemos a acção mais irracional. Se fora da nossa escolha imprimir-lhes os sentimentos que quizessemos , o nosso verdadeiro interesse fêria , que no-lo fizessem escolher. O seu amor he hum objecto perigoso , que attrahe o nosso coração , e que o inficiona por huma doçura mortal. O seu odio he hum objecto irritante , que nos põe no perigo de perder a caridade ;
mas

mas a indiferença he hum meio proporcionadissimo ao nosso estado e fraqueza , e que nos deixa ir a Deos , sem que d'elle nos aparte para as creaturas.

Todo o amor dos outros he para nós huma especie de laço e de affeição , não só porque a concupiscencia nos apêga a elle , e porque tememos perdello ; mas tambem porque produz certos deveres difficultosos de ser bem cumpridos. Como elle nos abre o seu coração , obriga-nos a usar desta abertura para seu bem espiritual ; e este uso não he facil. He verdade que he hum grande bem , quando se sabe manejar ; mas he bem , que não deve desejar-se por ser acompanhado de muito perigo. Detemo-nos de ordinario nesta affeição ; se della nos agradamos , tememos perdella ; e bem longe de servir-nos de occasião de dirigir os outros para Deos , serve muitas vezes de apartar-nos d'elle , e de affroxar-nos , fazendo-nos entrar nas suas paixões.

Mas diz-se : Por que razão esta pessoa tem tanta indiferença para mim , quando eu não a tenho para ella ? Por que

que motivo não se applica ella ao que me pertence , quando eu me applico com tanto cuidado ao que póde dizer-lhe respeito ? Estes são os discursos que o amor proprio fórma no coração das pessoas sensiveis e pouco virtuosas ; mas a sua injustiça facilmente se descobre.

Se o nosso unico fim na complacencia ; que temos para os homens , foi apegallos a nós , e fazer que elles nos tratassem da mesma sorte , bem merecemos ser privados de huma recompensa tão vã.

Mas se tivermos outro fim ; se nos não applicámos aos homens senão para obedecer a Deos , esta applicação não traz consigo mesma a sua recompensa ; e poderemos nós pedir outra sem injustiça ?

He verdade , que póde haver culpa na inapplicação e indifferença dos outros para nós ; mas Deos , e não nós , he que olha esta culpa. Ella he nociva a elles , e não a nós. Ella póde dar-nos motivos de nos compadecermos delles ; mas não de nos queixarmos delles. E assim o resentimento , que nos

fica , sempre he injusto ; pois que não tem outro objecto senão a nós mesmos.

C A P I T U L O VII.

Quanto a colera , que sentimos contra os que nos são ingratos , he injusta.

Nada exprime mais o quanto a fé está extinta , ou pouco activa nos Christãos , como a colera que concebem , quando se lhes falta ao devido reconhecimento ; porque nada ha que mais se opponha ás luzes da mesma fé.

Se considerassem , como devem , os serviços que fazem aos outros , os terião por graças , que recebêrão de Deos , e dos quaes são devedores á sua bondade , e por obras que lhe devem consagrar e offerecer sem respeito algum ás creaturas.

Considerarião aquelles a que hão feito esses serviços , como pessoas , que lhes conferirão de algum modo este bem ; e por consequencia conhecerião que o que dellas recebêrão , he muito mais que o que elles lhes derão.

Temerão como a maior das infelicidades, receber neste mundo a recompensa dessas obras, e ser privados da que receberião no outro, por nelas terem olhado mais puramente para Deos.

Reconhecereião que ellas, taes quaes são, contrahirião na sua factura muitas imperfeições; o que he motivo, para que se humilhem, e desejem purificar-se dellas pela penitencia.

Este he o meio de ligar a colera e tristeza, que experimentamos, quando os homens nos faltão, segundo nos parece, ao que nos devem, com estes pensamentos, a que a fé nos conduz. Fazer o contrario he mostrar que trabalhámos só para os homens, e que a elles só considerámos, trabalhando; e que assim as obras de que nos gloriemos, são hum roubo, que fizemos a Deos, e que elle tem direito de castigar em nós.

Se nos serviços que fazemos aos homens, só respeitamos os homens, he bem para nós que elles nos sejam desagradecidos, porque a sua ingrati-

dão póde servir, para que alcancemos de Deos misericordia, soffrendo-a, como he necessario. Se respeitamos só a Deos, he bem que os homens não nos recompensem, porque a lembrança do seu reconhecimento he mais capaz que outra qualquer cousa de diminuir, ou anniquilar a recompensa que esperamos de Deos. De qualquer modo pois que consideremos o agradecimento dos homens, acharemos que se he hum bem para elles, he hum mal para nós, e que a sua ingratição nos he infinitamente mais util. A sua gratidão he capaz de roubar-nos o fruto das nossas melhores acções, e de augmentar o castigo das más. A sua ingratição conserva-nos o fruto das boas, e póde servir-nos para pagarmos o que devemos á justiça de Deos pelas más.

Ao Principe, que prometteffe grandes recompensas aos que o servissem, e que se offendesse de que as esperassem de outrem, não se faria já mais a injuria de preferir aos bens solidos, que d'elle se devião esperar, as caricias de alguns dos seus vassallos. Es-

te he com tudo o modo , de que obra-
mos todos os dias para com Deos. El-
le promette hum reino eterno aos ca-
ritativos serviços , que se fazem ao pro-
ximo ; mas quer que nos contentemos
com esta recompensa , e que não es-
peremos outra. Com tudo , o espirito
da maior parte dos homens está con-
tinuamente occupado em examinar se
se lhes rende o que se lhes deve : se
os que elles tem servido , conhecem
as obrigações , em que lhes estão ; e se
cumprem pontualmente os deveres que
os homens hão estabelecido para signi-
ficar o reconhecimento.

Se tivéssemos pois os verdadeiros
sentimentos que a fé deve inspirar , nos
persuadiríamos que como Deos nos faz
hum grande graça , quando nos dá o
meio de servir os outros , nos faz ou-
tra , que não he menor , quando per-
mitte que os homens nos não mostrem
o reconhecimento que deverião. Elle
procede ordenadamente , dando-nos
hum thesouro inestimavel , que esteja
comnosco , e que se nos não roube.

A nossa alegria deve ser perfeita

e completa, quando temos razão para crer que as pessoas, que parecem fer-nos desagradecidas, nos são muito agradecidas; e que se o não mostrão, he porque ignorão a obrigação em que nos vivem. Posto que sempre nos seja realmente util que os outros nos não sejam agradecidos, não devemos com tudo desejallo, porque isto de ordinario he hum mal para elles. Mas he cousa digna de desejar-se, quando não he mal para elles, nem para nós; porque então sem que sejam culpados de ingratição, não incorremos no perigo de perder por hum reconhecimento humano a recompensa que esperamos de Deos.

Ha pois não só muita injustiça, mas tambem muita baixeza nesta esperança de reconhecimento. Deveria servir-nos de hum grande motivo de confusão á vista das cousas, por que nos privamos de huma recompensa eterna. Os deveres do reconhecimento, que queremos, reduzem-se pela maior parte a hum simples cumprimento, ou a algumas civilidades inuteis; e eis-aqui as cousas que

que preferimos a Deos e aos bens ; que elle nos promette.

Muitas vezes somos a causa da falta , que imputamos aos outros ; porque extinguimos no seu coração o agradecimento pelo modo , com que os servimos ; e quasi sempre temos motivo para crer , quando vemos que alguém he menos grato para nós do que para os outros , que alguma cousa ha em nós , que não attrahe o reconhecimento. Mas ou isto aconteça por culpa nossa , ou por culpa dos outros , he sempre huma fraqueza picarmo-nos , de que nos não rendão huns obsequios , que vemos claramente poder ser-nos perigosos.

C A P I T U L O VIII.

He cousa injusta pertender a confiança dos outros ; e he hum grande bem , que a não tenhamos em nós.

A Confiança , que se tem de nós , sendo hum sinal de amizade e de estimação , não admira que lifongee o
nos-

nosso amor proprio; pois que a reserva daquelles, que julgamos dever ter estes sentimentos para nós, o fere e incommoda. Mas a razão e a fé devem dar-nos sentimentos inteiramente contrarios, e persuadir-nos fortemente que a reserva, que os outros tiverem para nós, nos he muito mais conveniente que a sua confiança.

Quando não houvesse outra razão mais que a utilidade, que temos em ser privados destas pequenas satisfações, que contentão e nutrem a nossa vaidade, ella bastaria para mover-nos a abraçar com gosto estas occasiões de mortificação espiritual; pois póde ser-nos tanto mais util, quanto ella combate mais directamente a principal das nossas paixões. Mas ainda ha outras muitas tão solidas e tão importantes como estas. E eis-aqui algumas.

Quem nos descobre os seus sentimentos, de alguma forte nos consulta. Nós não lhe fallaremos então, que não participemos do seu procedimento; porque he como impossivel evitar que o que lhe dissermos, não diga ordem

dem ao que nos tiver descoberto ; e não he impossivel que não façamos por aqui alguma impressão sobre o seu espirito , que por esta abertura está disposto a ouvir-nos e a crer-nos. Ora não he pequeno perigo estar obrigado a fallar nestas circumstancias. Muita luz he necessaria , para que então fallemos de hum modo util a nós e aos outros. Muitas vezes não se faz senão confirmar as gentes nas suas paixões ; porque cada hum he naturalmente inclinado a não entristecer os outros ; e deste modo se favorece o desejo occulto que o homem tem de achar approvadores das suas acções ; e isto he o que de ordinario o move a descobrir os segredos do seu coração.

Poucas pessoas ha , que possam receber as inspirações do coração e do espirito dos outros , sem que participem da sua corrupção. Entra-se insensivelmente nas suas paixões ; preoccupa-se contra aquelles , contra os quaes os reveladores estão preocupados ; e como a confiança , que elles tem de nós , nos induz a crer que elles não

que-

quererão enganar-nos , abraçamos as suas opiniões e os seus juizos sem reparar que elles muitas vezes primeiro se engañão. E assim nós enchemos de todas as suas falsas impressões.

Por aqui nos encarregamos de diversas cousas , que necessitão ficar sepultadas no silencio. O que he pezo não pouco consideravel , pois que nos obriga a huma applicação muito incommoda ; qual he a de não deixarmos escapar o que sabemos , fugindo ao perigo , em que muitas vezes nos veremos de offender a verdade. E como de ordinario acontece que estas cousas venhão a ser sabidas por diversos caminhos , a suspeita naturalmente cahe sobre aquelles a quem se descobrirão.

Pela confiança e abertura contrahe-se algum genero de obrigação ; porque aquelles , que nos descobrem os seus particulares , esperão que lhes descobramos os nossos ; e se lhos não descobrimos , queixão-se de que os não tratamos como elles nos tratão. Os que obrão com mais circumspecção , não reprovão que se use della tambem a
 seu

seu respeito. Esta obrigação de ordinario he muito incommoda; pois que não se poderá faltar a ella sem desgostar as gentes, nem cumprir sem se pôr no perigo de fazer-lhes mal, ou de fazello a si mesmo pelo abuso, que podem fazer, do que se lhes descobre.

Em fim, se considerassemos quanto o prazer, que concebemos, quando se nos communica algum segredo, he pouco real e cheio de vaidade; se considerassemos quanto he injusto pertender dos outros huma cousa, que deve ser tão livre, como a descoberta dos seus segredos; se fizessemos justiça a nós mesmos, reconhecendo que se nos não revelão, he porque em nós ha alguma cousa, que os impede fazer-nos esta revelação; difficuloso será que não condemnemos essas raivas interiores, que a reserva nos causa, e que nos não envergonhemos da nossa fraqueza.

CAPITULO IX.

He necessario soffrer sem melancolia a incivilidade dos outros. Baixeza dos que pertendem a civilidade.

A Civilidade nos ganha. A incivilidade nos offende. Mas huma ganha-nos, e a outra offende-nos, porque fomos homens, quero dizer, vãos e injustos.

Poucas civilidades ha que devão agradar-nos, ainda segundo a razão humana, porque ha muito poucas civilidades sinceras e desinteressadas. Muitas vezes não são mais que hum jogo de palavras, e hum exercicio de vaidade, que nada tem de verdadeiro e de real. Agradar-se disto he agradar-se de ser enganado. Aquelles, que na apparencia mais civilidades nos mostram, são talvez os primeiros, que nos escarnecem, logo que nos deixão.

A mais sincera e a mais verdadeira civilidade nos he sempre inutil e ainda perigosa. Quando muito não he senão hum testemunho, de que nos
amão

amão e estimão. E assim ella nos offerece dous objectos , que lisongeão o nosso amor proprio ; e que são capazes de corromper o nosso coração.

Todas as que se nos fazem nos sujeitão a tristes escravidões. O mundo não dá nada por nada. Isto he hum commercio , e huma especie de negocio , que tem por juiz o amor proprio ; e este juiz obriga a huma igualdade reciproca de deveres , e authoriza as queixas , que se fazem contra os que faltão a ellés.

As civilidades corrompem muitas vezes o nosso juizo , porque muitas vezes nos fazem preferir aquelles , de que as recebemos , aos que tem as qualidades essenciaes , que merecem a nossa estimação.

Mas como as civilidades , que se nos rendem , nos servem pouco , pouco mal nos faz a incivilidade ; e assim he huma fraqueza extrema darmos-nos por offendidos della. Muitas vezes não he senão huma falta de advertencia procedida de estar o espirito occupado de outras cousas mais solidas. E os
que

que são menos exactos nas civilidades ; são muitas vezes os que tem mais desejos effectivos de fazer-nos serviços reaes e importantes.

Quando ainda procedessemos da indiferença , quando ainda da pouca afeição , que bem nos tira ella ? Que mal he o que nos causa ? Como podemos nós esperar que Deos nos perdoe as dividas immensas , de que lhe somos devedores pelas leis inviolaveis da justiça eterna , senão perdoamos aos homens os pequenos respeitos , que nos não devem senão por ordenações humanas ?

Deos sim authoriza estas ordenações , e nós devemos huns aos outros a civilidade , segundo a lei do mesmo Senhor , como mostrámos na primeira Parte desta Arte ; mas he huma especie de divida , que nos não he permitido pedir. Não he ao nosso merecimento que ella se deve , he á nossa fraqueza. Como não devemos ser fracos , e por nossa culpa he que o somos ; á nossa primeira obrigação consiste em corrigir-nos desta fraqueza. Não temos
já

já mais direito de queixar-nos de que se nos não tributa bastante respeito, e menos ainda de desejar o que não serve senão de entretello.

C A P I T U L O X.

He necessario soffrer os humores incommodos:

PAra que cada hum conserve a paz assim consigo mesmo, como com os outros, não basta não offender ninguém, nem de ninguém pertender amizade, nem estimação, nem confiança, nem agradecimento, nem civilidade; necessita ainda de ter huma paciencia capaz de soffrer todas as castas de humores e caprichos. Como he impossivel que faça justos, moderados e sem defeitos todos aquelles, com que vive, sería necessario que desesperasse de poder conservar o foyego da sua alma, se emprendesse conservallo por este meio.

Deve pois assentar, que vivendo com os homens, achará nelles humores tristes;

tes; achará pessoas, que se iraráo sem motivo; que entenderáo as coufas ás avéssas; que discorreráo mal; que terão hum modo cheio de fereza, ou huma complacencia baixa e defagradavel. Humas serão apaixonadas, outras muito defapaionadas. Humas contradirão sem fundamento, outras não poderáo soffrer que as contradigão em coufa alguma. Humas serão invejosas e malignas, outras insolentes, cheias de si mesmas e sem attenção para ninguem. Achará algumas que creião que tudo lhes he devido, e que não reparando no modo com que obráo com os mais, não deixaráo de querer attensões excessivas.

Que esperanza podemos ter de viver em socego, se todos estes defeitos nos abaláo, perturbáo, transtornáo, e fazem fahir a nossa alma do feu affento?

He necessario pois soffrellos com paciencia e sem perturbação, se queremos possuir as nossas almas, como diz a Escritura; e impedir que a impaciencia nos não transtorne a cada passo,

fo, e nos precipite nos inconvenientes, que temos representado. Mas esta paciencia não he virtude muito commua. De forte que he bem estranho, que sendo tão difficil por huma parte, e tão util por outra, cuidemos tão pouco em exercitalla, ao mesmo tempo que estudamos tantas couzas inuteis e de pouco fruto.

Hum dos principaes meios de adquiririlla he diminuir aquella forte impressão que os defeitos dos outros fazem sobre nós. E para isto he util considerar :

1. Que sendo os defeitos tão communs, como são, he loucura admirar-nos delles, não os esperando. Os homens consistão de boas e más qualidades. He necessario tomallos nesta consideração; e quem quer aproveitar-se das conveniencias, que se recebem da sua Sociedade, deve resolver-se a soffrer com paciencia as incommodidades, que lhes são annexas.

2. Que nada ha mais ridiculo que ser defarrazado, porque outro o he; ser nocivo a si mesmo, porque outro

o he a si , e fazer-se participante de todas as loucuras alheias , como senão tivessemos bastantes defeitos proprios e miserias proprias , sem nos encarregarmos dos defeitos e miserias de todos os mais. Eis-aqui o que fazemos , impacientando-nos com os defeitos de outrem.

3. Que por maiores que sejam os defeitos , que observamos nos outros , elles não são nocivos senão a quem os tem , e não nos fazem mal algum , menos que não recebamos voluntariamente a sua impressão. Elles são objecto de piedade e não de colera ; e nós temos tão pouco motivo para nos irritarmos contra as enfermidades dos espiritos dos outros , como contra as que não insultão senão o corpo. Entre ellas ha mais esta differença , que podemos contrahir as do corpo a pesar de nós mesmos , quando as do espirito não podem entrar nas nossas almas , senão por nossa vontade.

4. Não devemos só considerar os defeitos alheios como enfermidades , mas tambem como enfermidades , que
nos

nos são communs ; porque estamos , como os outros , sujeitos a ellas. Não ha defeitos , de que não sejamos capazes ; e se effectivamente não temos alguns delles , talvez tenhamos outros maiores. Assim não tendo nós motivo algum para nos preferirmos aos mais , acharemos não tello para nos offendermos do que elles fazem ; e que se os soffremos , tambem elles nos soffrem.

5. Se pudéssemos ver pacifica e caritativamente os defeitos alheios , elles nos servirião de instrucções tanto mais uteis , quanto nelles veriamos melhor que nos nossos a difformidade , de que o amor proprio nos occulta sempre huma parte. Elles nos darião occasião de observar que as paixões produzem de ordinario hum effeito inteiramente avesso daquelle que se pretende. Observariamos que enchendo-nos de colera para nos fazermos crer , tanto menos somos cridos , quanto maior he a colera que mostramos. Observariamos que se nos picamos de não ser estimados , segundo cremos merecer , tanto menos o somos , quanto mais

procuramos fello. Observariamos que se nos offendemos de não ser amados, querendo fello por força, incorremos ainda mais na aversão das gentes.

Nelles poderíamos ver tambem com admiração até que ponto cégão estas mesmas paixões aquelles, que estão possuidos dellas; porque os effeitos que ellas produzem, sendo tão sensiveis aos outros, são de ordinario desconhecidos por elles. E muitas vezes acontece, que fazendo-se odiosos, incommodos e ridiculos a todo o mundo, são elles os unicos que o não advertem.

Tudo isto poderia fazer-nos lembrar ou as faltas, em que antigamente cahimos por paixões semelhantes; ou aquellas que ainda commettemos por outras paixões, que talvez não são menos perigosas, e com as quaes nos não cegamos menos; e deste modo applicando-nos á observação dos nossos defeitos, viriamos a ser muito mais dispostos a supportar os dos outros.

Em fim, he necessario considerar que tão ridiculo he conceber colera por causa das faltas e extrayagancias alheias,
co-

como offender-se de que faz máo tempo, ou de que faz muito frio, ou muita calma; porque a nossa colera tão pouco capaz he de corrigir os homens, como de fazer mudar as estações. Neste ponto ha ainda mais isto de desarrazoavel, que as estações não se fazem mais, nem menos incommodas, porque nos irritamos contra ellas; quando a colera, que concebemos contra os homens, os irrita contra nós, e faz as suas paixões mais fortes e mais activas.

C A P I T U L O XI.

Conclusão.

O Que temos visto até aqui basta para dar humá ligeira idéa dos meios, que podem servir á conservação da paz entre os homens, os quaes se comprehendem todos neste verso do Psalmo: *Os que amão a vossa Lei gozão de huma paz abundante, e não são escandalizados.* (1) Senão amafemos senão a Lei de Deos, andariam

(1) *Pax multa diligentibus legem tuam, & non est illis scandalum.* Ps. 118. 165.

mos attentos em não offender os nossos irmãos por disputas indiscretas, e nunca as suas faltas nos ferião occasião de colera, de odio, de perturbação e de escandalo; pois que ellas não nos impedem ser observantes desta Lei, que nos obriga a soffrellos com paciencia, e que he em particular o preceito da tolerancia christã, a que o Apóstolo chama Lei de Jesus Christo. *Levai* (diz elle) *as cargas huns dos outros, e observai a Lei de Jesus Christo.* (2) Devemos pois reconhecer que todas as nossas impaciencias e perturbações vem de não amarmos bastante-mente esta Lei da caridade, de termos outras inclinações mais que a de obedecer a Deos, e de buscarmos a nossa gloria, o nosso prazer, a nossa satisfação nas creaturas. Assim o meio de estabelecer a alma em huma paz solida e inalteravel, he firmalla neste unico amor, que não respeita senão a Deos em todas as cousas, que não deseja senão agradar-lhe, e que põe toda a sua felicidade em obedecer ás suas Leis.

F I M.

(2) Galat. 6. 2.

I N D E X

D O S C A P I T U L O S ,

que se contém neste Livro.

P A R T E I.

- C**APITULO I. *Os homens sendo Cidadãos de muitas Cidades, devem procurar a paz de todas, particularmente a daquella, em que vivem, e de que são parte.* Pag. 9.
- C**AP. II. *A razão e a religião nos inspirão de commum acordo o cuidado da paz.* 13.
- C**AP. III. *Razão, por que devemos ter paz com quem vivemos.* 20.
- C**AP. IV. *Regra geral para conservar a paz. Não offender alguém, nem offender-se de cousa alguma. Os modos de irritar os outros são os dous seguintes: contradizer as suas opiniões; oppôr-se às suas paixões.* 27.
- C**AP. V. *Causas do apego que os homens têm às suas opiniões. Quaes são os mais sujeitos a este apego.* 30.

CAP.

- CAP. VI. *Quaes sejam as opiniões mais perigosas de combater.* 40.
- CAP. VII. *A impaciencia, que incita a contradizer os outros, he hum defeito consideravel. Não ha obrigação de impugnar todas as falsas opiniões. He necessario ter huma circumspecção geral, e não communicar os seus segredos, o que he difficuloso ao amor proprio.* 44.
- CAP. VIII. *Para contradizermos os outros, he necessario attender ao conceito que elles formão de nós.* 51.
- CAP. IX. *Contradizendo os outros, he necessario evitar certos defeitos.* 54.
- CAP. X. *Quaes sejam os mais obrigados a evitar os defeitos affirma referidos. He necessario que cada hum regule o seu interior do mesmo modo que o seu exterior, para não offender aquelles com que vive.* 62.
- CAP. XI. *He necessario respeitar os homens, e não ter por dura a obrigação que ha de tratallos com circumspecção. He hum bem não ter authoridade, nem crença.* 68.

CAP. XII. *Posto que a colera que os homens sentem, vendo combatidas as suas paixões, seja injusta, não convem combatellas. Ha tres generos de paixões, justas, indifferentes, injustas. Como devemos portar-nos a respeito das paixões injustas.*

72.

CAP. XIII. *Como deve cada hum portar-se a respeito das paixões indifferentes, e das justas dos outros.*

78.

CAP. XIV. *A lei eterna obriga-nos a ser agradecidos.*

82.

CAP. XV. *Razões fundamentaes da obrigação da civilidade.*

86.

P A R T E II.

CAPITULO I. *Não he necessario que cada hum estabeleça a sua paz sobre a correccão dos outros. Utilidade da suppressão das queixas. Ellas de ordinario fazem mais mal do que bem.*

90.

CAP. II. *Vaidade e injustiça da complacencia que concebemos por occasião*

são

sião dos juizos vantajosos , que se formão em nosso abono. 101.

CAP. III. *Não temos direito para offender-nos do desprezo , nem dos juizos feitos em nosso desabono.* 108.

CAP. IV. *A sensibilidade , que experimentamos a respeito dos discursos e juizos feitos em nosso desabono , vem do esquecimento dos nossos males. Apontão-se alguns remedios para este esquecimento e para esta sensibilidade.* 114.

CAP. V. *He cousa injusta querer ser amado dos homens.* 120.

CAP. VI. *He cousa injusta não poder soffrer a indifferença. A indifferença dos outros para connosco he-nos mais util , do que o seu amor.* 127.

CAP. VII. *Quanto a colera , que sentimos contra os que nos são ingratos , he injusta.* 130.

CAP. VIII. *He cousa injusta pertender a confiança dos outros , e he hum grande bem , que a não tenham em nós.* 135.

CAP. IX. *He necessario soffrer sem melancolia a incivilidade dos outros.*

*tros. Baixeza dos que pertendem a
civilidade.* 140.

CAP. X. *He necessario soffrer os hu-
mores incommodos.* 143.

CAP. XI. *Conclusão.* 149.

1958
1959
1960
1961
1962
1963
1964
1965
1966
1967
1968
1969
1970
1971
1972
1973
1974
1975
1976
1977
1978
1979
1980
1981
1982
1983
1984
1985
1986
1987
1988
1989
1990
1991
1992
1993
1994
1995
1996
1997
1998
1999
2000
2001
2002
2003
2004
2005
2006
2007
2008
2009
2010
2011
2012
2013
2014
2015
2016
2017
2018
2019
2020
2021
2022
2023
2024
2025

3





BV Antonio de Padua
4506 Arte de vivir em paz com
A6 homens
1783

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 01 25 14 001 5